Natã Santana de Sousa Chirlaine Cristine Gonçalves Vanina Cardoso Viana Andrade

# Contos para Ler Antes de se Apaixonar



## Natã Santana de Sousa Chirlaine Cristine Gonçalves Vanina Cardoso Viana Andrade





## Copyright © 2019 • IFS

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

## **DIRETORA DE PUBLICAÇÕES**

Vanina Cardoso Viana Andrade

## **EDITORAÇÃO**

Diego Ramos Feitosa Jéssika Lima Santos Kelly Cristina Barbosa Júlio César Nunes Ramiro

## PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GRÁFICA

Renan Garcia de Passos

## PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Renan Garcia de Passos

## DIAGRAMAÇÃO

Renan Garcia de Passos

## **REVISÃO**

Daiane Santana Santos

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Sousa, Nată Santana de
S725j Judiaria [recurso eletrônico] : contos para ler antes de se apaixonar /
Nată Santana de Sousa, Chirlaine Cristine Golçalves, Vanina Cardoso
Viana Andrade. – 1. ed. Aracaju: IFS, 2019.
120 p.: il.

Formato: e-book
ISBN 978-85-9591-128-4

1. Literatura. 2. Contos. 3. Romance. I. Gonçalves, Chirlaine
Cristine. II. Andrade, Vanina Cardoso Viana. III. Titulo.

CDU: 82-34

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Célia Aparecida Santos de Araújo (CRB 5/1030)

## [2019]

## Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)

Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, bairro Jardins.

Aracaju/SE. CEP: 49025-330.

Tel.: +55 (79) 3711-3222. E-mail: edifs@ifs.edu.br.

Impresso no Brasil



## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

## INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS)

## PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

## MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub

## SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Alexandro Ferreira de Souza

## **REITORA DO IFS**

Ruth Sales Gama de Andrade

## PRÓ-REITORA DE PESQUISA E EXTENSÃO

Chirlaine Cristine Gonçalves

## Sumário

Feliz Aniversário	06
O Último Bilhete	16)
Relacionamento a Três	26
A Mulher Mais Bela do Mundo	34
Adeus	42
Formandos	48
A Primeira Semana da Primavera	58
O pacto	68
Salto Vital	78
O Garotinho do Metrô	88
Escapismo	96
Uma Noite com Vânia	102
O Ultimo Dia de Solidão	112

# Feliz Aniversário



Já acordou incontrolavelmente feliz e foi direto circular o tão esperado 17 de fevereiro no calendário da parede rosada. Desejava mais que tudo ser surpreendida, mas sabia que teria de esperar o dia inteiro, afinal surpresas de aniversário raramente acontecem sob a luz do sol. Completava seu décimo oitavo ano e nada poderia deixá-la mais feliz. Tinha um namorado bonito, uma família acolhedora e uma coleção de sapatos extraordinária. Só faltava mesmo a tal liberdade que acabava de bater à porta. Agora já era responsável por si mesma e poderia definir seus caminhos.

Quando o velho relógio da sala bateu a nona hora daquela meia manhã de domingo, resolveu sair do quarto e receber as primeiras felicitações do dia, que certamente viriam acompanhadas de um reforçado café da manhã feito pelas finas mãos de dona Rita, sua mãe e maior defensora. Mas antes de qualquer coisa, refletiu sozinha por mais uns instantes. Olhou as fotos de colégio estampadas no pôster da parede, releu as palavras orgânicas de seu diploma de ensino médio e chorou ao lembrar de todas as aventuras que selaram seus incríveis anos escolares, encerrados naquele mesmo verão. Agora tudo seria mais sério. Era hora de tomar seu espaço no mundo e se tornar mulher.

Assim que trancou a porta do quarto e abandonou lá dentro seu momento de nostalgia aflita, percebeu que, no corredor, todas as outras estavam abertas. Ao passar pelo primeiro quarto, viu que dona Rita já havia levantado, e como seu pai raramente dormia em casa não havia mais ninguém que pudesse encontrar ali. Imaginou então que ela já pudesse estar nas tarefas diárias e continuou a vistoria. No segundo quarto, o de seu irmão Pedro, também não tinha ninguém, e por fim, o de Joana, que se encontrava igualmente vazio. Imaginou que decerto todos a aguardavam na cozinha com uma bela surpresa de café da manhã e desceu as escadas ainda mais apressada e ansiosa.

O silêncio na casa era infernal e até a rua parecia não emitir ruído algum. Na cozinha, nada nem ninguém.

A decepção foi involuntária e a necessidade de receber o primeiro sorriso do dia só aumentava.

Depois de alguns minutos elaborando hipóteses, incluindo a de estarem armando uma surpresa como nunca feita em outros aniversários, ela resolveu ceder à praticidade da tecnologia. Primeiro ligou para dona Rita; depois para Joana e Pedro; e por último para Ronaldo, o namorado. Mas, para cada tentativa, a mesma contrariedade. Todos os telefones tocaram dentro dos respectivos quartos de seus donos, com exceção do de Ronaldo, cuja ligação nem chegou a ser completada. Ela, ainda que muito decepcionada e pouco esperançosa, voltou para a cama pensando no momento em que trouxessem-na a alegria do dia, e enquanto pensava, um leve sono a tomou delicadamente.

Por volta das 10 e meia daquela mesma manhã, quando o breve cochilo a deixou e a cama já lhe parecia incômoda, o clima parecia ser outro. O quarto estava frio e as cortinas da janela ferviam numa inquietude dançante. O silêncio ainda era o mesmo, tanto na casa quanto na rua. Nenhuma pena cairia sem que se pudesse ouvir, mas nada caia, nada mudava, nada se movia, a não ser as cortinas e o vento que as estimulava. Ela levantou ainda meio monótona e um pouco faminta e quando empurrou as cortinas para observar o que calava o clamor diário das ruas permaneceu atônita por algum tempo até acreditar no que acontecia lá fora. O calor de verão, que se fazia intacto horas atrás, havia se submetido ao frio mais inoportuno que já presenciara, e o branco da neve que caia começava a pintar a rua e queimar as folhas do velho cipreste na esquina da rua Fortunato Ribeiro.

Ela nunca vira nevar em toda sua vida; tinha certeza que aquela região jamais permitiria tal feito da natureza, muito menos sob a influência daquela época. O dia estava ficando cada vez mais louco e era difícil saber o que a assustava mais: a neve de fevereiro ou a estática das ruas, onde nada além da própria neve parecia respirar. Nenhum carro, nenhuma moto, nenhum cachorro mijando nos postes, ninguém.

Depois de alguns olhares duvidosos pelo vidro embaçado da janela, ela resolveu que olhar não era suficiente. Desceu as escadas ainda mais apressada que da última vez, e, sem ao menos verificar se alguém já havia voltado, partiu em direção à rua.

Assim que abriu a porta, a estranheza foi imediata e radical. Nunca tinha experimentado um ar tão seco e gélido como aquele, e por isso, achou melhor tomar um dos casacos guardados no armário.

Seus olhos esbugalharam-se por causa da neve. Tocou, ainda que incrédula; cheirou, ainda que sem aroma; provou, ainda que sem sabor; brincou, e até fez seu primeiro anjo de neve como sempre planejara caso algum dia viajasse ao exterior; e quando, enfim, adaptara-se parcialmente com a ideia de estar andando sobre a neve, percebeu que haviam coisas igualmente estranhas a observar. A rua continuava parada e a cada novo floco que caia, tudo ficava mais sombrio. O desespero começava a achar lugar no único coração que ainda batia. Ela olhava atenta para todos os lados à procura de qualquer vestígio de vida, mas tudo continuava imóvel e gelado.

Estava realmente difícil imaginar uma justificativa lógica para um enredo tão dramático. Era uma cidade razoavelmente grande e não se encontrava um pé de gente, nem nas ruas, nem nas casas. Quando gritou pelos vizinhos, ninguém respondeu; quando percorreu quase todo o bairro, a ninguém encontrou. Andou, correu, chamou, mas só o próprio eco lhe respondia, e a neve continuava a cair.

Perto das 2 horas da tarde, quando já desistira de tentar entender o que aconteceu com todo mundo no dia mais estranho de sua vida, também desistiu de procurar e gritar. Sentou em um dos 24 bancos do parque Dávilas' Caus e ali ficou esperando que Deus pudesse ouvir suas preces angustiadas.

O parque era grande e muito bem frequentado em dias comuns, mas naquele dia a solidão o tomara por

completo e o vazio se mostrava tão intenso quanto a frieza do laguinho congelado. Nem parecia o mesmo local. Com a cabeça baixa, os cabelos cobertos pelo capuz de seu casaco vermelho e as pernas bem ajuntadas, sentada ela continuou. Até que não pôde mais conter sua angústia e quebrou o bruto silêncio que cercava seu mundo sem vida com o barulho de um choro soluçante. A menina que achava ser mulher desabara como menina novamente, e dessa vez, não teve o colo de ninguém para ampará-la.

O dia continuou indiferente à data, e quanto mais tempo se passava, mais peripécias a vida lhe revelava.

Não demorou para que as lágrimas cessassem, e assim que cessaram ela percebeu que lá no fim da avenida vazia, uma enorme árvore se destacava. Ainda estava muito longe, mas de cara qualquer um saberia que era uma árvore, pois seu verde refletia a quilômetros sobre o branco que já cobrira todo o chão, e ainda assim, a árvore permanecia intacta ao frio, como se estivesse no ápice da primavera mais promissora. Ela levantou-se do banco de concreto resfriado e seguiu a avenida em busca de sua mais nova descoberta.

À medida que se aproximava da árvore, concluiu que se tratava de uma magnifica macieira, com frutos fartos, graciosos, e o mais fascinante: azuis. A macieira era gigantesca e as maçãs eram de um azul tão intenso que podiam ser vistas mesmo quando contrapostas às folhas. A copa da árvore era perfeita e se distribuía igualmente tanto para esquerda quanto pra direita, e seus galhos, tão longos, que alguns desciam até quase tocar o solo. O tronco era rústico e muito largo, e nele uma curta inscrição entalhada: "satisfaça-se".

As maçãs eram lindas e pareciam extremamente deliciosas, e ela estava sem comer desde que acordou, mas antes de obedecer ao imperativo que lera no troco, notou mais uma excentricidade da ocasião: a árvore estava exatamente no meio de um importante cruzamento entre duas avenidas conhecidas por ela, e por onde havia passado dias antes, por

isso deduziu que, ou a árvore foi construída artificialmente ou nascera de forma sobrenatural naquele local. E poucas coisas a assustavam tanto quanto o sobrenatural. Resolveu então, não comer e sentou-se para descansar ali mesmo.

Passou-se mais uma hora desoladora e a fome continuava ferrenha. Depois de muito pensar ela decidiu que nevar no verão e nascer árvore no meio do asfalto já eram anomalias demais. Viu que estar sozinha, de uma hora pra outra, numa cidade deserta e descansar debaixo de uma macieira de maçãs azuis também não era nada comum. De qualquer forma, estava cercada de esquisitices que não tinham explicação. Certamente sobreviveria a algumas mordidinhas se tentasse. E resolveu que tentaria. Tomou duas das tantas que estavam ao seu alcance e as degustou gulosamente. Não poderia ter sido melhor. Dentre tantos infortúnios que fecundaram o dia, aquela refeição fora a única coisa adorável para com a solitária aniversariante.

Assim que satisfeita, retomou sua disposição e continuou sua caminhada pelas ruas desertas tentando, de qualquer forma, encontrar alguém a quem pudesse pedir explicações sobre a loucura do dia ou com quem pudesse descarregar seu medo de ficar sozinha para sempre. Mas, por mais que tentasse incansavelmente, não sustentava grandes expectativas. E a cada minuto, tudo ficava menos afetuoso.

Uma hora antes do crepúsculo, quando inexplicavelmente a neve começou a se desfazer, ela deparou-se com um enorme muro de pedra no final de uma rua por onde nunca tinha passado. Mas não havia portão nem grades, então ela pensou que se quisesse conhecer o que havia além das pedras, deveria seguir até encontrar a entrada. E por alguma razão, sentiu vontade de saber o que guardava um muro tão alto. Muita vontade.

Andou tanto que quando finalmente achou a entrada, o crepúsculo já começara, e da neve quase mais nada ainda restava. O portão de entrada era ainda mais alto que o muro e sobre sua haste principal estava escrito tudo que

precisava ser dito para atiçar ainda mais a curiosidade de um visitante: "Só você ainda não viu. Bem-vindo à morada dos memorandos". Logo que leu a saudação e observou a suntuosidade do portão, ela decidiu automaticamente que aquele era mais um fenômeno criado por forças desconhecidas, assim como a neve e a macieira. E exatamente como brincou com a neve e comeu as maças, também passou pelo portão, que abriu sem precisar do mínimo toque de suas mãos.

No interior, ela encontrou o jardim mais belo entre todos os mais belos que consequiria imaginar, mas infelizmente não poderia percorrê-lo por completo já que o sol oferecia seus últimos raios do dia. O jardim dividia-se em duas partes: uma do lado direito, com flores de todos os tipos e árvores podadas em formato de animais; e outra do lado esquerdo, com um lago cristalino rodeado de rosas amarelas. Ao centro, apenas uma pequena árvore com ramos de samambajas estendidos sobre seus galhos floridos que ofereciam sombra a quem se deitasse sobre os lençóis vermelhos da cama que havia sido posta debaixo da árvore. Havia também um longuíssimo tapete aveludado de cor branca que dividia os lados do jardim e ia do portão de entrada até os pés da cama. Mas poucas coisas chamaram tanto a atenção da visitante quanto as estátuas de bronze polido postas ao lado de que cada arbusto e embaixo de cada árvore, com exceção da que ficava no centro do jardim. Na verdade, o que mais havia ali eram estátuas, e como não dava para visitá-las todas e descobrir a quem faziam referência, ela resolveu andar até o centro e olhar apenas as que estavam próximas ao tapete.

Assim que observou a primeira delas, percebeu que estava em homenagem ao famoso Ramilo Donato, o maior locutor de rádio de sua cidade. Em seguida achou a de um homem desconhecido, e isso aconteceu muitas vezes, pois haviam muitas estátuas e não teria como conhecer a todas. Continuou o percurso olhando a todas que alcançava, e

quando estava quase na metade, ficou surpresa ao observar uma que lhe era bem familiar. Ao se aproximar, testificou que não era só parecida, mas se tratava exatamente da estátua do seu João Guilherme, o dono da padaria que ficava próxima de sua casa. E a partir de então ela se assustava cada vez mais, pois cada nova estátua representava com exatidão uma pessoa de seu dia a dia, e a todas ia conhecendo. Passou pelo dono do mercado, pelo filho do vizinho, por dona Marli, a professora de infância, e até pelos colegas de escola. As lágrimas já escorriam quando ela começou a perceber que ali estavam todos os habitantes da cidade. mas o choro inflado mesmo só veio quando estava quase chegando ao centro do jardim e encontrou as estátuas de dona Rita, de seu pai e de seus dois irmãos já pertinho da árvore das samambaias. Estavam com um aspecto ameno, quase todos com um meio sorriso que doía a cada olhar, mas ela continuava olhando e chorando até quando não pôde mais e se sentou sobre a cama para recuperar as forças. Foi guando olhou para cabeceira e ali estava mais um recado escabroso: "Reservado para o sono profundo do seu décimo oitavo aniversário".

Ao ler a última inscrição, o pânico já não lhe pôde dominar, pois a dor e a tristeza já a tinham levado. Ela dormiu ali mesmo, na cama que desde o princípio estava reservada para si.

No dia posterior, a pobre garota abriu os olhos lentamente e ainda meio atordoada levantou chorando, mas seu namorado, dona Rita e seus irmãos já a esperavam de pé ao lado da parede rosada para circular o 17 de fevereiro juntos na folha do calendário. Ao perceber que estava assustada, Ronaldo a abraçou e perguntou o motivo das lágrimas, mas foi surpreendido quando ela falou sobre estátuas, neve e solidão. Ele então a consolou e pediu que se acalmasse, pois o domingo acabava de começar e todos estavam ali para proporcioná-la o melhor aniversário de maior idade que alguém poderia ter. Dona Rita abriu a janela, mostrou

que o sol já brilhava forte desde muito cedo e olhando-a fixamente, falou:

— Tá vendo sua teimosa?! Eu avisei pra não exagerar na janta. Feliz aniversário.





Um acontecimento dessa natureza sempre deixa a população abalada, ainda mais quando a cidade é pequena, daquelas onde o asfalto ainda não cobriu as ruas de pedras portuguesas. Já era de se esperar uma comoção generalizada, sendo a vítima tão jovem e a morte tão triste. Coube ao padre apenas algumas explicações vagas em nome de sua absolvição pública, mesmo que todo o povo já o houvesse tomado por culpado. Se existiu alguém, que por um instante, refletiu sobre a possibilidade de considera-lo inocente na história, esse alguém foi o delegado Santoro, por assisti-lo aos prantos durante seu depoimento.

Dr. Benício Franco, como o chamavam em sua terra natal, era um homem lindamente arrasador: bonito, forte, alto e moreno. Um daqueles que vemos na rua e logo nos pegamos imaginando o quão doce seria seu beijo. Mas aqui em Terra Branca, seu título de doutor era totalmente irrelevante, - para não dizer esquecido; Só os íntimos sabiam sobre sua profissão pré-celibato. Aqui ele era só Padre Benício, o melhor padre da região. O difícil é saber se esse último título lhe foi atribuído devido a seus incríveis sermões de domingo ou a sua beleza incomparável que arrancava suspiros das solteironas que fingiam ir à missa pela palavra.

Aos fins de semana, Benício se dedicava totalmente à paróquia. Organizava o mural da igreja, articulava o sermão, revisava a agenda de visitas e realizava a missa principal. A igreja estava sempre lotada, o ofertório nem tanto, e os dois ventiladores novos eram falhos perante a fornalha que se formava no instante em que ele tomava seu posto no púlpito. Era um abanar de mãos e um sacudir de saias que muitas vezes faziam a igreja parecer uma fornalha.

Às terças e quartas o confessionário vivia lotado. Tinha dias, inclusive, nos quais se pegava fila para receber o perdão daquela voz gostosa que ecoava por trás dos pequenos buraquinhos na tela do confessionário; a maldita tela que bloqueava nossa visão dos mesmos lábios grossos e chamativos a pronunciar as penitencias. Benício era calmo, e procurava, ao menos nesses instantes, ser o mais breve

possível para que menos gente se ajuntasse na fila. Foi numa dessas ocasiões que Brenda surgiu.

- Padre, estou muito envergonhada. Introduziu, ela.
- Não se reprima, minha filha. Todos somos pecadores.
- A voz dele a deixou em êxtase mais uma vez, e ela continuou:
- Eu sei, Padre. Mas meu pecado é realmente uma afronta a Deus... sou apaixonada por um homem impossível. Desejo-o mais do que tudo, mesmo sendo de uma família correta. E já não sei se tenho controle sobre meu erro.
- Benício repensou um pouco suas próximas ponderações, e então as dirigiu:
- Filha, o desejo é parte da natureza humana; muitas vezes é até involuntário. Na consumação é que se encontra o pecado. Você já o consumou?
  - Não, Padre.
- Então não há pecado. Afaste-se dele enquanto é tempo.
- Ela pensou em como sua mãe a arrastava para a missa todos os dias possíveis, e contrapôs: Receio que talvez não possa evitá-lo.
- Todos podem evitar o mal quando de fato queremos, minha filha...
- É o senhor, Padre. É você o motivo de meus pensamentos noturnos. Interrompeu ela, aflita.

Benício sorriu com o canto da boca, e continuou a argumentar que não havia nada de errado com os desejos de Brenda. Ali mesmo ele reconheceu que pouco adiantaria uma conversa comum de aconselhamento no confessionário e despediu-a dizendo pretender revê-la em outra situação.

Durante a missa do próximo domingo, o sermão estava impecável como sempre; e como de costume, Brenda, em nenhuma palavra prestou atenção. Mantinha o olhar fixo sobre a expressão corporal de Benício, como se o estivesse devorando em segredo, porém, ele, guardava o olhar bem longe de sua direção. E assim o foi até o memento da hóstia.

O pão não parecia muito apetitoso, e Brenda também não se importava tanto quanto sua mãe a ensinara, com a solenidade da ocasião. Dona Ermézia sempre a alertava sobre a importância de receber o "corpo de Cristo": "Reze e mantenha o pensamento imaculado quando receber a hóstia, minha filha".

Quando ela se aproximou de Benício, pensava em tudo, menos no alerta de sua mãe. Imaginava a grandeza do corpo por baixo daquela batina cansada e a leveza das mãos a escolher as bolachinhas mal assadas. Ele, inteiramente atento ao que estava fazendo, guiou a pequena hóstia até a boca seca e sedenta de Brenda e antes que ela se virasse, gesticulou com os lábios um curto recado que foi claramente entendido por seu olhara atrevido: "não mastigue". Ela voltou para o banco, ao lado da mãe, e enquanto todos degustavam o sabor da massa fresca, permaneceu de boca fechada e quieta até o momento de oração.

Assim que todos fecharam os olhos para dirigir suas preces, ela retirou a bolacha molhada, porém ainda intacta, da boca e lá estava a razão da recomendação de Benício: "10 horas, amanhã, atrás da paróquia".

Ela devolveu a bolacha à boca, engolindo-a com todas as letras borradas de saliva, levantou o olhar quando todos ainda se mantinham em reverência e sorriu para ele, que pela primeira vez na missa, a fitou sorrateiramente e devolveu, sem demora, o sorriso.

Na noite do dia seguinte, a porta que dava acesso aos fundos da paróquia foi aberta pela décima quinta vez desde que fora instalada, a pedido especial de Benício, e a conversa entre eles terminou no segundo cômodo do corredor que ficava atrás dela, no quarto do padre. Ali Brenda experimentou sua primeira sensação de liberdade e consumou, aos comandos do homem impossível, a realização de seu desejo carnal mais profundo.

Benício era um homem como qualquer outro, tirando o fato de sua excêntrica formosura; não resistia a um belo par de pernas, e só não se perdia em sua libido com muita frequência porque as moças que frequentavam a missa, apesar de extremamente atraídas por sua figura, não eram tão atrevidas como Brenda. A partir daquela noite, eu, o coroinha mais velho da paróquia, deixei de exercer o papel de único objeto de satisfação sexual do padre.

Logo, Dona Ermézia proibiu que Brenda se confessasse com tanta frequência. Não ficava bem para uma moça de família correta dar mostras de que cometia tantos pecados. Então eles estabeleceram um sistema de comunicação infalível que serviria tanto para marcar os novos encontros quanto para aumentar a estima dos fiéis em Benício. Ele distribuiu envelopes com a imagem de Nossa Senhora para que, pelo menos uma vez por semana, os fiéis escrevessem pedidos e os guardassem dentro do envelope, devidamente identificados com o nome de quem desejava receber a graça. Ao final da missa, ele recolhia os envelopes alegando que dedicaria um tempo extra para rezar por aqueles pedidos e assim abençoá-los. Todos adoraram a ideia, principalmente Brenda, que passou a escrevê-lo todas as semanas.

Os envelopes não eram tantos porque a igreja era pequena e nem todos participavam da nova dinâmica. Ele logo encontrava o envelope de Brenda, e assim que o lia já lhe deixava uma resposta. Para o trabalho de devolução dos envelopes eram requeridos os três coroinhas, dentre os quais eu estava, e nessa tarefa só havia duas recomendações: nunca abram os envelopes, e devolva-os com atenção impecável para que não errem seus donos. Meu sistema, então, foi bem mais simples do que o de Benício: sugeri que dividíssemos a devolução de acordo com o alfabeto. Eu devolveria os envelopes cujo nome do dono começasse com qualquer letra entre o A e o I, e os outros coroinhas se dividiam com o restante do alfabeto. Assim eu poderia ler todos os bilhetes que chegavam e iam para Brenda, porque desde muito cedo comecei a perceber que havia algo entre ela e Benício.

Quase todas as semanas eles se encontravam, e ficaram tão íntimos que Benício chegou a copiar a chave da porta dos fundos da paróquia para que ele não mais a precisasse esperar. Já a aguardava no quarto, com aquela cueca azul e a mesma expressão de dominador que usava comigo antes de Brenda. Por diversas vezes eu a espreitava chegar ao fundo da paróquia com o mesmo ar temeroso e sedento de quem está prestes a abrir o baú do tesouro. Mas eu só a via por saber dos encontros. Ninguém mais passaria por ali àquela hora, para a felicidade dos imprestáveis. A casa paroquial ficava no final da rua, e atrás dela só havia uma estrada de terra beirando um campo escuro e arborizado.

Minha frustração aumentava a cada dia. Sentia falta da companhia privada de Benício, que desde então passou a me evitar constantemente, sem ter ideia de que eu conhecia a razão pela qual havia deixado de ser interessante para ele. Mas sempre que o questionava, ele destruía mais de minhas expectativas, mais de mim próprio.

Os bilhetes já não se detinham a horários e convites. Eram cartas de algo que eu nunca recebi dele, eram cartas de amor. Falavam da falta que um fazia ao outro, do quanto gostariam de viver livres – ela da família moralista, ele do celibato -, e até de como seria lindo se pudessem ter um filho juntos.

Permaneci acompanhando em segredo e logo aprendi a odiá-los. Continuei por muito tempo sem qualquer ideia do que fazer para desmascará-los, mas não demorou muito até um dos bilhetes me obrigar a agir.

Em uma das missas lotadas de domingo, lá estava mais um bilhete de Brenda. Este, porém, com uma mensagem bem mais perturbadora para mim. Ela dizia já ter se decidido a fugir com ele e que conversariam melhor sobre o assunto no próximo dia, quando voltaria para mais um encontro às escondidas. Eu fiquei atônito ao ler a palavra fugir, que para maior aflição, estava com o I pontuado com um coração perfeitamente equilibrado.

Era óbvio que estavam loucos de amor e que não demorariam a ir embora para sempre. Mas decidi, no mesmo instante em que a última lagrima me escorreu pela face, que aquilo não ocorreria e que já sabia o que fazer.

Na noite posterior, peguei a antiga arma de papai, mesmo sem saber usá-la muito bem, e aguardei atrás do eucalipto mais próximo do muro que cercava a paróquia. A arma na mão direita; e na esquerda, uma corda de linho grosso e resistente que comprei naquela manhã.

Quando Brenda surgiu em meio à escuridão das nove e meia daquela noite, meu coração disparou sutilmente, mas em nenhum momento pensei em retroceder com o plano. Não os deixaria fugir. Era tudo que martelava em minha consciência.

Ela vestia uma seda branca e deixara metade dos cabelos soltos sobre os ombros. Usava uma capa azul-clara por cima do vestido e detinha a mesma expressão ansiosa e cautelosa de noites atrás. Parecia estar vestida e pronta para morrer.

Eu a abordei com a arma apontada para seu peito esquerdo, e sem nenhum barulho excessivo, a obriguei a seguir em direção às árvores mais distantes pela estrada de terra. Ela chorava o tempo inteiro, mas em nenhum momento me comoveu, pois por sua causa eu também me rasguei aos prantos enquanto ela saboreava o prazer que nunca deveria ter deixado de ser meu.

Eu a fiz várias perguntas e ali mesmo ela me confessou detalhes de tudo; desde o primeiro bilhete na hóstia, até os planos da fuga. E ambos chorávamos juntos – ela por medo de mim, e eu por raiva dela.

Assim que lancei a corda sobre o galho mais baixo de uma das árvores debaixo das quais paramos, ela começou a entrar em desespero ainda maior e a me perguntar o que eu pretendia. Não respondi nada. Apenas a obriguei a subir no pequeno banco que alí deixara mais cedo e ameacei apertar o gatilho caso não me obedecesse. Em seguida, eu só tive de empurrá-la. E o fiz sem dó alguma.

O galho que escolhi não era tão alto, mas foi o suficiente para não a deixar alcançar o chão. A morte foi trágica, porém piedosa. Em poucos segundos, algumas gotas de sangue escorreram pelo canto de sua boca e se depositaram entre os seios, e ali mesmo depositei o último bilhete.

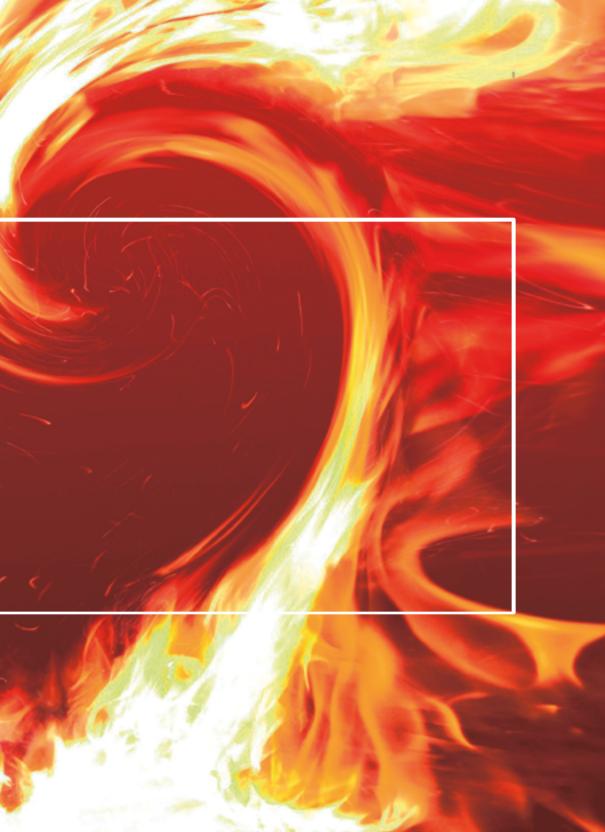
Logo que o corpo foi encontrado, o povo correu furioso para a paróquia, e Benício só não foi apedrejado porque o delegado o levou preso às pressas.

A notícia foi avassaladora por todas as regiões em redor: uma moça jovem, bonita e de família correta se rendera ao suicídio, e tudo que deixara foi uma memória manchada e um bilhete preso aos seios que afirmava seu arrependimento por ter se deixado iludir por um padre promíscuo.

Depois de meses acompanhando os bilhetes de Brenda, não fora difícil copiar suas letras de modo quase perfeito. Nem mesmo Benício foi capaz de duvidar que aquelas letras eram de fato dela.

O primeiro bilhete Brenda comeu, e eu nunca o vi, mas o último foi eu que escrevi.





Sandra e Pedrinho cresceram juntos pelas ruas agitadas de São Paulo. Aprenderam desde muito cedo que na Rua Capote Valente não deveriam arriscar suas brincadeiras noturnas, e sabiam como ninguém o nome das escolhidas pelos mendigos legais, onde podiam livremente praticar suas estripulias. Conheceram-se ainda nos primeiros anos escolares, e desde então nunca se separaram. Dona Vanda até tentou; disse que eram apegados demais e isso não poderia dar em boa coisa, mas Sandra não deixou que a mãe interferisse na amizade dos dois. Frequentaram as mesmas escolas, partilhavam dos mesmos gostos, dividiram a mesma rua e quando deram por si, estavam namorando.

Sandra já havia namorado duas vezes antes de Pedro, e ela o fizera porque sustentava desde muito cedo uma filosofia engraçada sobre o número três. Acreditava que o "três" eternizava as coisas. "O terceiro é sempre o último", repetia ela sobre uma série de coisas. Pedro enxergava nisso mais uma de suas características encantadoras, pois, pelo fato de ser o terceiro namorado, ela sempre o assegurava de que o teria para sempre. Sua mãe a tivera no dia 3 do terceiro mês do ano. Era a única explicação que encontravam quando ela repetia consigo: "o terceiro é sempre o último".

A casar não demoraram muito. Mas, para se estabelecerem financeiramente a vida cobrou um pouco mais de paciência. Primeiro compraram um apartamento na Zona Norte, e logo tiveram de se mudar por causa do incêndio que consumiu quase três andares e condenou a estrutura do prédio onde viviam; a Sandra isso não entristeceu tanto, uma vez que um dos apartamentos perdidos era da vizinha gostosa que vez ou outra fazia Pedro desviar o olhar quando se esbarravam no elevador. Depois compraram uma casa na Liberdade com duas vagas de garagem; e como nunca usariam a segunda, resolveram alugar para a vizinha que mal tinha espaço para área de serviço. A mulher era jovem, solteira e pouco prendada em mecânica, o que resultou noutro incêndio quando seu carro pegou fogo dentro da garagem dos dois, e, somente graças à atenção de Sandra,

que conseguiu salvar o marido e alguns pertences antes do fogo consumir a casa inteira, coisa pior não ocorreu.

Quando Pedro completou 24 anos, comemoraram duplamente: por seu vigésimo quarto aniversário e pelo terceiro de casamento, que até então ia muito bem; e incêndios à parte, as coisas continuavam fluindo com sorte para o casal que logo estavam novamente sob um teto próprio.

Quem nunca os viu em um de seus passeios ao parque ou em suas viagens de férias nunca descobriu o que é amor de verdade. Eram como um quadro de arte onde só há cores vibrantes, uma exposição luminosa de beleza e afeto recíproco. Nunca houve um único pedido por parte de ambos para que provassem o amor que sentiam um pelo outro. A relação era completa, repleta e compreensiva por si só.

Guardavam tudo que conheciam um do outro desde que se conheceram a sete chaves. Não suportavam a ideia de palpites e intervenções exteriores sobre a mais que sólida parceria de amor que fundamentavam. Até o dia que Adriana resolveu abrir o jogo.

- Pois não... Disse Sandra ao abrir a porta numa manhã de sábado, olhando atentamente para o aspecto preocupado da mulher que tocara sua campainha segundos antes.
- Olá, me chamo Adriana. Você deve ser a esposa do Pedro. estou certa?
  - Sim, mas ele não se encontra no momento...
- Eu sei, dia do basquete, é com você mesmo que desejo falar.

Sandra a fitou estarrecida, e se perguntou mentalmente como aquela mulher conhecia a rotina de seu esposo, mas o questionamento que dirigiu a ela foi outro:

- E sobre o que devemos conversar?
- Eu sou amante de seu esposo há alguns anos, e acho que tanto você quanto eu devemos nos redirecionar sobre isso. Respondeu Adriana, com ousadia, enquanto esperava paciente por alguma palavra que saísse da boca de Sandra, ainda sem resposta e expressão.
  - Isso é algum tipo de piada?!

— Querida, sinto muito por isso. Imagino que deva ser difícil pra você. Mas o que estou dizendo agora não carrega uma gota de mentira ou graça. Estou fazendo isso por nós duas. Você, como toda mulher que se considera amada pelo marido, merece saber a verdade; e eu, como toda amante que aprendeu a amar quem não lhe pode pertencer abertamente, mereço ter minha chance de ser feliz com o homem que amo.

Sandra começou a exprimir sua indignação de maneira mais racional e aceitar as verdades duras que Adriana a dirigia.

— Eu ainda estou confusa, mas por favor, entre. Deixeme entender melhor o que de fato está acontecendo aqui.

Adriana não abraçou sem reservadas o convite para entrar, mas o aceitou. O semblante de Sandra era de completa calma, estava um tanto pálida e aparentemente incrédula. Nada anormal para alguém que acabou de descobrir uma traição. Além do mais, era uma mulher de corpo franzino e palavras bem dirigidas; ótimos vestígios de que violência alguma resultaria dali. Entraram.

A conversa não foi necessariamente fácil para ambas. Sandra conteve o choro diversos momentos enquanto Adriana respondia suas perguntas e acrescentava-lhe informações pesadas e sórdidas sobre a relação que mantinha com Pedro. Ali ela se deu conta que seu casamento tinha chegado ao fim. Mas não era fácil admitir.

- Não é possível. O Pedro sempre está tão presente que não consigo ver o tempo que ele usaria com você. Argumentava desesperadamente.
- Sandra, eu trabalho na mesma empresa que o Pedro. Hoje desempenho papel diferente, mas foi lá que nos conhecemos. Costumávamos fazer hora extra sozinhos. Agora só me resta o tempo que ele dedica ao "clube". Por isso estou aqui hoje. Peça o divórcio; encontre alguém que te queira de verdade. Eu quero viver isso plenamente com ele. Estou cansada de ser a amante, e para você, ele

não serve mais. Seja justa conosco. Da próxima vez que ele disser que vai ao clube, sabe que ele vai estar comigo. Como viverá com isso?

O apelo havia sido feito; e fora bastante amargo, mas Sandra ainda insistia:

- Você só pode estar mentindo. Não sei o que você está ganhando para tentar destruir nosso casamento, mas eu não posso acreditar isso. E apontado em direção à porta Saia da minha casa e nunca mais volte aqui.
- Eu vou. Mas se o que te impede de abrir mão dessa relação fracassada é a dúvida, experimente ver com seus próprios olhos. Moro na Rua 12 de Fevereiro, número 25, fica a três quadras daqui. No próximo domingo, Pedro lhe dirá que vai ao clube. Deixarei a porta da frente encostada. Estaremos no último quarto do corredor. Pense nisso.

Ainda era quarta feira, e Sandra só pensava no que faria para suportar seus devaneios atordoados até tomar uma decisão para o domingo. Pedro chegou um pouco mais cedo naquela noite, e mais uma vez a comprou uma caixa de chocolates, mas ela não os comeu. Estava atormentada demais. Gastou todos os dias que se sucederam a pensar no que ouvira de Adriana, e quando o domingo chegou estava completamente calma, pois Pedro não falou em momento algum sobre planos de ir ao clube.

Quando almoçaram, ela já totalmente tranquila, perguntou o que fariam à noite, pois era o único dia da semana que tinham para sair. Mas a resposta dele a desestabilizou:

- Hoje não dá, meu amor. Haverá um evento no clube, e eu já marquei presença.
- Mas já são uma e meia da tarde. Que evento é esse tão tarde? Você sempre vai pela manhã e volta depois do almoço. Indagou ela, tentando esconder qualquer traço de desconforto.
- É o encontro dos administradores e por isso transferiram o horário para o entardecer. Mas provavelmente só voltarei pela madrugada. Esses eventos são chatos e depois o

pessoal fica querendo tomar algo. Não gosto de contrariar. Próximo domingo eu sou todo seu, tudo bem? Concluiu ele beijando-a sutilmente nos lábios.

— Tudo bem. Próximo domingo então... confirmou sorrindo.

Ao fim da tarde, Adriana estava mais uma vez diante do homem por quem esperara tanto tempo, e de sua cabeça também não saía a possibilidade de tê-lo para sempre depois do flagra que supunha vir a ocorrer mais tarde.

Depois de algumas horas no sofá, beijando-se e discutindo o que fariam para se verem mais vezes, Pedro queixou-se de fome, pois odiava a pressão de Adriana para que pedisse o divórcio. Era sempre a mesma conversa. Ele, por sua vez, não tinha a mínima ideia do encontro entre as duas, alguns dias antes, e pretendia manter o segredo da relação por longos anos ainda. Jantaram, assistiram um episódio da série favorita de ambos, e foram para o quarto. Já havia passado das dez e Adriana já duvidava da possível visita de Sandra, mas preferiu deixar a porta aberta como última esperança.

Em questão de minutos após o sono os alcançar, Sandra desceu do táxi a duas esquinas da rua de Adriana e continuou o percurso sozinha até chegar na casa 25. Ali ela pensou uma única vez em desistir, mas sentia-se presa demais a sua missão premeditada e adentrou o portão.

A porta, como já esperava, estava aberta, e sem nenhum barulho ela chegou ao quarto. A porta estava entre aberta, e mesmo um pouco de longe ela os viu dormir, lado a lado. Era o último empurrão que necessitava para concluir seu plano, e continuou a agir pelo resto da casa.

Em poucos instantes estava pronta para o ato final, mas antes que saísse da casa, esbarrou numa mesinha de centro e deixou cair o controle remoto. Apressou-se em chegar à porta de saída, pois o barulho fora ouvido por Adriana, que acordou lentamente e levantou-se para ver o que ocorria.

O cheiro do ambiente havia mudado drasticamente, e Adriana não soubera, de cara, reconhecer o novo odor, mas estava prestes a descobrir. Assim que abriu a porta do quarto, notou que pisava em algo molhado, e só quando gritou por Pedro, percebeu que se tratava de gasolina; derramada sobre os tapetes, as paredes, os móveis. Tudo estava tão encharcado que a casa parecia ter sido lavada pelo líquido inflamável. Pedro dormia profundamente, e antes que ela o chamasse pela segunda vez, percebeu que já era tarde demais, pois o fósforo já havia sido riscado na janela da sala. Do lado de fora Sandra concluía seu terceiro incêndio por vingança. E dessa vez, salvar o marido não fazia parte do plano, porque afinal, o terceiro é sempre o último.

A Mulher Mais Bela do Mundo



Havia numa grande ilha mediterrânea um feiticeiro muito poderoso e conhecido por suas poções milagrosas e pelos seus conselhos que sempre livraram quem os ouvia de terríveis destinos. Ele morava numa grande casa de pedra que ficava no lado leste da ilha, e raras vezes deixava sua fortaleza para se juntar ao povo, mas sempre que alguém lhe batia à porta era bem recebido e tinha dele o que desejasse, desde que o pedido não implicasse no mal de outras pessoas. Essa era sua única condição para que pudesse usar seus dons em prol de quem pedia.

No lado oeste da ilha as cidades eram maiores e mais desenvolvidas. Lá as pessoas tinham menos contato com crenças espirituais e por isso ignoravam as histórias que ouviam sobre os poderes místicos do velho feiticeiro. Na extremidade deste mesmo lado, onde se podia ver o sol se pôr sobre o mar todos os dias, vivia uma simpática e amargurada jovem chamada Sarah Tille.

Quase todos os dias, sentada na janela da velha casa onde morou durante toda sua infância, Sarah assistia as ondas se banharem de dourado quando o sol descia perene atrás do horizonte. Ela vivia sozinha depois que o marido a abandonou para viver com sua irmã, e também não tinha filhos para aplacar sua solidão. Apesar de muito jovem, nunca fora considerada muito bonita e por isso também não encontrava lugar nos olhares interessados dos rapazes da cidade. Isso sempre foi motivo de grande frustração para ela, que desde a adolescência sentia-se o estorvo da casa numa família onde todos os filhos detinham um porte físico muito imponente, e as filhas, uma beleza angelical ameaçadora. "Talvez por isso fui trocada por minha irmã" pensava ela ao olhar as sardinhas marrons sob seu nariz e perceber o espaço extravagante entre seus dentes quando parava em frente ao espelho. "Se pelo menos fosse mais bonitinha, não me importaria com mais nada", era seu pensamento de conclusão.

Num dia qualquer do inverno, quando Sarah andava pelo centro da cidade algo lhe chamou a atenção. Um homem bradava palavras de esperança e gratidão no meio da rua. Ele falava sobre o tal feiticeiro da casa de pedra que morava a leste, e agradecido, dizia ter recebido dele o maior presente de toda sua vida. As pessoas passavam apressadas, e com um olhar de desprezo, quase todas o ignoravam. "Peçam também o que desejarem e acredite que se realizará", dizia o homem. Ao ouvir isso, a jovem Sarah se aproximou timidamente e perguntou ao homem o que ele havia ganhado do velho feiticeiro. Ele a explicou que nascera com uma má formação e nunca pudera andar até encontrar-se com o feiticeiro, mas então seu pedido foi realizado ao pedir-lhe para andar.

Sarah não conseguiu duvidar. O homem continuou gritando após a rápida conversa e falava com tanto fervor que não deixava aparência de fraude. De repente, o homem cessou os gritos, aproximou-se dela novamente e perguntou: "O que você mais deseja nesse mundo, moça? ". Ela não pensou duas vezes, pois sabia o que queria mais do que tudo. Quisera isso por toda sua vida, mas não confiou no estranho ao ponto de lhe revelar sua vontade de se tornar a mais linda mulher de todo o mundo. Abandonou-o sem resposta e foi para casa decidida a conhecer o lado leste da ilha.

Dois meses depois de pesquisar e se preparar para o encontro com o feiticeiro, ela finalmente estava diante da casa do velho. Ele a recebeu com cordialidade, ofereceulhe uma xícara de chá e sentaram a conversar na grande sala de estar rodeada por cortinas azuis.

— Vou direto ao ponto, meu senhor... ouvi muito a teu respeito e quero também te pedir algo.

Ele apenas despachou a xícara sobre o centro de madeira envelhecida e sinalizou com as mãos para que ela prosseguisse.

— Desejo me tornar a mais bela mulher desse mundo. Disse Sarah depois de um rápido gole de chá.

O silêncio dominou o ambiente. Sarah o olhava com ansiedade e ele apenas sorria. Nenhuma palavra saia e ela ficava cada vez mais desesperada. Por alguns instantes até se considerou louca por estar ali acreditando que tal pedido iria de fato se realizar. Mas então, o velho resolveu falar:

- Acredita que posso lhe conceder tal coisa, minha jovem?
- Sim. Respondeu a moça.
- Vejo que falta muita fé no que dizes, mas de fato não preciso que acredites para que teu desejo se realize. Preciso apenas que o queiras de todo coração, e vontade eu posso ler em seus olhos. Mas acrescento que não tenho o poder de lhe conceder o que pedes...

Sarah então sentiu um profundo arrependimento por crer nas palavras do homem que gritava na praça dois meses antes. Seria melhor nunca ter ido tão longe à procura de seus devaneios absurdos sobre beleza. Concluiu que tudo era mesmo balela. Mas o velho ainda não tinha acabado:

- Queres uma beleza feito a da lua?
- Sim, senhor. Disse ela sem a mínima fé.
- Pois então peça a ela, que és dentre todos os astros celeste o mais belo.
  - Como farei então?
- No próximo eclipse lunar, vá a local aberto, deite-se sobre a terra segurando uma rosa branca sobre o peito e com os olhos abertos clame mentalmente pelo teu desejo olhando para a penumbra que passa.

Após isso, o velho levantou-se e se retirou sem se despedir.

O próximo eclipse aconteceu durante o final da primavera, e Sarah mesmo temendo estar cometendo alguma tolice fez exatamente como o feiticeiro mandou. Não houve fumaça nem fogo. Nem luz ou qualquer tipo de brilho que a tomou e a tornou de imediato a mulher mais bela do mundo. Mas depois do quinto dia pós eclipse a última sarda havia sumido de seu rosto.

Os dias foram passando e a cada novo nascer do sol uma nova transformação ocorria. Um dia o cabelo demostrava mais brilho e maciez, no outro os dentes voltavam ao local ideal na arcada. E aos poucos os homens começavam a olhá-la com desejo na rua. Lábios de cor intensa e formato perfeitamente delineado logo surgiram, acompanhados por uma pele uniforme e sedosa que arrancava olhares desejosos.

Ao fim daquele ano, ela estava irreconhecível. E sua beleza já era notícia pela região. Havia quem acreditasse que a velha Sarah tivesse se mudado sem avisar e que ali morava outra mulher, e também quem acreditava que ela passara o ano todo em clínicas de estética. Mas o fato é que para a maioria, nenhum médico conseguiria moldar uma beleza tão fresca e arrebatadora como aquela.

Não demorou muito para que ela deixasse a ilha e seu rosto ganhasse o mundo. Depois de fisgada por algumas agências, ela logo se mudou para as grandes metrópoles mundiais e todas as marcas a queriam para posar. Seus traços físicos impressionavam não só os homens, mas faziam as mulheres mais belas desejar ser iguais a ela.

As clínicas e centros cirúrgicos se enchiam de mulheres exigindo a execução das técnicas mais modernas e ousadas em busca do novo padrão "Sarah Tille". Propagandas na TV, desfiles, eventos de moda e beleza e a grande mídia mundial passou a fazer parte da realidade do rosto mais conhecido e do corpo mais cobiçado do mundo. Mas o assédio das pessoas aos poucos também deixou de ser interessante.

Depois do primeiro ano como uma das modelos mais bem-sucedidas do mundo, Sarah percebeu que continuava tão solitária quanto antes. Os homens que se aproximavam dela nunca foram capazes de elaborar se quer um elogio sobre sua personalidade. As palavras que escolhiam para engrandecê-la eram sempre ligadas a questões exteriores e isso nunca a deixou dar espaço a nenhum deles. Mas eram muitos, e cada dia se tinha mais gente para driblar. Além do mais, para estar onde estava, Sarah perdeu a família. Costumava demorar tanto para vê-los depois que fora abandonada pelo marido que apareceu somente após a transformação da lua ter sido concluída, e ninguém a reconheceu como parente.

Agora vivia nos outdoors e nas revistas, mas sem ninguém para recebê-la em casa depois de um dia cheio. A solidão passou a ser a mesma de quando não atraia ninguém pela sua beleza. Cansada de tudo, voltou à ilha e procurou o feiticeiro pedindo para que revertesse os resultados de seu pedido de anos atrás. Este, por sua vez, penou por dizer, mais disse: "Os desejos realizados não podem regressar no tempo e sofrer reação contrária. Viverá para sempre com o resultado de sua própria vontade".

Sarah Tille estava condenada a ser a mulher mais bela do mundo pelo resto de sua vida, e possivelmente também a mais solitária. Mas antes que tudo perdesse o sentido ainda mais para ela, decidiu que voltaria a sua antiga vida. Se os resultados de seus desejos não eram passíveis de correção, pelo menos ela poderia desejar novas ou as antigas coisas de volta.

Readquiriu a antiga casa na costa do lado oeste da ilha e abriu mão da fama para estar novamente em sua janela olhando o sol se pôr no mar diariamente. Seu rosto estava em Paris, na América, em Moscou e até no Egito, mas ela estava em casa de novo. E ainda que vez ou outra aparecesse algum paparazzo para registrar a nova vida da mulher mais bela do mundo, nada se comparava com a correria e o assédio dantes. Restava apenas a lida diária com os homens que constantemente apareciam em frente à janela para contemplá-la e às vezes cortejá-la. Numa dessas vezes o ex-marido também apareceu e arriscou um diálogo. Ela o olhou com desdém e enviou-lhe a dura mensagem "A mulher que outrora deixaste aqui, a que te pertenceu por vontade e direito já não existe mais; eu sou apenas a casca dela, e esta casca está muito além do que merece", e fechou a janela.





Eram 4h e meia da tarde quando comecei a escrever. As flores do vaso vermelho estavam mortas; como minha alma depois da conversa com Bárbara. Ela, que por muito tempo me amou e dividiu comigo seus melhores e piores momentos, projetou-se para ser então parte do meu passado. Era tudo tão triste quanto a poeira obscura que repousava sobre a sacada onde o vaso de flores mortas estava depositado.

Olhei para o teto e percebi que o ventilador girava de maneira tão lenta e insignificante que diferença alguma poderia fazer na manutenção da temperatura do apartamento. Lembrei-me imediatamente do quanto ela reclamava do calor que experimentávamos quando assistíamos abraçados aos capítulos da novela das 7h que por nada ela perdia. Mas suas reclamações eram sempre tão doces e sutis que pouco me atingiam e por isso nunca troquei o ventilador. Bárbara então abria a janela, e o vento que batia nos apartamentos do terceiro andar nos ajudava a passar a noite sem necessidade de mais de um banho a cada três horas.

Mas o ventilador não seria mais um problema para nós. Nada seria. Não existia mais nós. Ela decidiu assim, e eu tive de aceitar sem entender muito os porquês que a levaram a gostar de outro alguém.

Eu ainda estava com a faca na mão. A mesma que usara para descascar uma manga deliciosa que comprei na quitanda da esquina, antes dela chegar. Mas a dor das informações foi tão grande que nem pensei em largar a faca na pia para processar melhor as palavras que ela me dirigiu. Fiquei ali brincando desapercebidamente com a lâmina, passando os dedos sobre o perigo e desejando que tudo que ela me dizia fosse parte de uma grande brincadeira de mal gosto. Da manga eu só comi metade, a outra banda ficou largada sobre o prato a espera de um final para nosso discurso doloroso. E como ambos também não sentiríamos mais fome depois daquilo, só havia o lixo como destino para toda aquela suculência. Isso me fez refletir: se larguei a manga, por que mantive a faca em mãos quando as

lágrimas começaram a escorrer pela face? Poderia ter me machucado por imprudência. Se bem que um corte na mão não doeria mais do que tudo que saíra da boca de Bárbara.

Ela me disse coisas absurdas sobre não sentir mais aquela coisa que nutríamos há tanto tempo e a necessidade que tinha de estar ao lado de outra pessoa. Aquilo me pareceu forte demais. Não era justo que, de uma hora para outra, meu amor não significava absolutamente mais nada. Ela tentou então me fazer entender que nada ocorreu de repente. Tudo se arrastou por meses, eu é que não percebia. E também assumiu a culpa disso, já que deixou claro que de fato tentava fazer com que eu não percebesse. Achou que chegando do nada num dia qualquer para me dizer que estava indo embora com um cara que conheceu no trabalho era mais sensato que ir me deixando aos poucos.

Quando deu cinco horas da tarde eu ainda escrevia. A discussão que aconteceu anteriormente já tinha acabado antes das três e eu ainda apertava a faca na mão esquerda enquanto pensava profundamente na minha nova condição de solitário apaixonado. Apaixonado por alguém que tinha deixado de me pertencer.

Enquanto permaneci nesse estado de reflexão torturante, um filme passou pela minha cabeça, e nele estavam todos os segundos de felicidades que tive com Bárbara. Imaginei então que os próximos ela já havia planejado viver com outro homem e nesse momento senti uma pequena dor que diferia daquela que circundava meu coração. Era a faca, que finalmente puniu-me pela falta de cuidado. Mas não a soltei. Permanecia em dúvida sobre qual passo daria depois de tamanho abalo emocional.

Algo que muito me impressionou durante as horas que ficamos ali foi o quanto minha mente se deligou do mundo. Parecia que só havia pensamentos direcionados a nós dois. O mundo fervia lá fora, mas eu não sentia a mínima vontade de voltar a vê-lo, preferia sofrer assistindo-a já sem fôlego para continuar tentando me explicar qualquer

outra coisa que eu ainda não houvesse entendido. Foi logo em seguida que comecei a escrever, já com o intuito de esclarecer meus próprios pensamentos de solidão profunda.

Uma andorinha pousou na sacada enquanto a caneta continuava a deslizar sobre o papel manchado de sangue, e por um instante eu parei para observá-la. Isso me trouxe mais uma lembrança.

Recordei-me do verão que passamos em Fernão Dias, a terra do avô de Bárbara, e de como aqueles dias foram perfeitos. Ela matou a saudade de todas as tias de quem tanto me contava sobre, e adorou me apresentar como namorado para cada uma delas. O sol parecia nascer mais belo e suave atrás daquelas cerras que cercavam a cidade, e Bárbara não cansava de contar quantos bandos de andorinhas passavam sobre a casa durante o dia à procura das árvores que ficavam além delas. Ali vivemos uma lua de mel pré-nupcial completa, e não houve sequer um dia que ela não me dissesse o quanto estava feliz por enfim conseguir me levar para conhecer a família.

Na minha sacada não havia um bando de andorinhas como em Fernão Dias, mas aquela única ave me fez derramar umas últimas lágrimas. Olhei então para o voo gracioso que ela deferiu em seguida e encontrei nele o ato que acabaria com meu sofrimento. Já passou das cinco horas; esta carta já disse o bastante; o corpo de Bárbara já esfriou; e o nosso sangue já se mistura depois do corte que provoquei acidentalmente em minha mão esquerda agora há pouco. Espero inclusive que essa mancha vermelha no papel não atrapalhe a leitura. Agora, darei um último beijo em Bárbara que, no chão ensanguentado, jaz em seu sono profundo, e com a mesma mão ferida abrirei o vidro de acesso à sacada, e, de cabeça, me lançarei ao encontro de minha amada.

## Formandos



Quando Vincent chegou naquela manhã de terçafeira eu logo desconfiei que algo de novo estava por vir. Ele trouxe uma caderneta vermelha guardada na bolsa de couro e esperou até que o guarda voltasse a seu posto para então abri-la em minha frente. Eu o olhava curioso e ele, calmo e calculista como sempre, começou a folheá-la.

- É... está tudo aqui! Disse fechando a caderneta e entregando-a a mim.
  - Do que se trata, Vincent? Indaguei.

Foi então que veio a novidade: no dia seguinte eu seria um homem livre novamente, e aquela caderneta era tudo que precisava para voltar à vida na sociedade dignamente. Ele também me explicou que a conta bancária descrita na página 7 era temporária, e que caso eu não encontrasse emprego antes que todo o dinheiro nela acabasse, deveria entrar em contato para receber os dados da nova conta; todos os números de telefone para os quais eu deveria ligar estavam na nona página. Além dos avisos já esperados sobre manter distância do meu pai, ele também me explicou que cada passo meu lá fora deveria ser regido por bom senso e cautela, pois a liberdade era condicional e eu poderia voltar a cumprir a pena em regime fechado rapidamente caso aprontasse alguma. A princípio fiquei meio confuso como ele conseguiu me arrancar dalí tendo cumprido apenas metade da pena, mas ele logo me listou algumas razões: era réu primário, havia me comportado muito bem durante todo o tempo de reclusão e, por fim, tinha um pai rico, que apesar de não me querer por perto, foi capaz de pagar um alto preço pela minha nova sentença. Foi então que me dei conta de que a imagem de durão de meu pai era apenas esforço para manter o império da família a salvo de novos escândalos.

- Também poderei voltar à faculdade, Vincent? Perguntei esperançoso.
- Sim, e será ótimo se o fizer. O regime aberto lhe permite muitas coisas, e estudar ou trabalhar ajudará a aliviar sua pena.

Aquela foi a noite mais longa da minha vida. Mal podia esperar para que o sol nascesse e Vincent chegasse novamente para me buscar. Enquanto comemorava com meus companheiros de cela, lembrei-me de uma vez quando meu pai me prometeu me levar para velejar. Passei horas rolando na cama até o sono me alcançar, e quando enfim dormi, cheguei a sonhar com as aventuras que viriam no dia seguinte quando papai me acordasse. Dessa vez sabia que não seria ele quem me acordaria, mas também não tinha esperanças de dormir. Queria era ver a cara daquele advogado genioso que me acompanhou durante todo o processo em nome de papai.

No dia seguinte, me despedi de todos com abraços calorosos e prometi a cada um dos que compartilharam comigo aqueles anos horrendos que mandaria algumas regalias sempre que possível. No fim das contas levava dali meia dúzia de amigos que assim como eu cometeram crimes perdoáveis.

Vincent me deixou em uma pequena casa na Barra e me disse que esse seria meu novo endereço até o final da pena, que apesar de em regime aberto, estaria em execução por mais alguns anos. Papai pagaria o aluguel, e mais uma vez fui avisado para não dar as caras. Me senti de imediato parte do local. A praia era perto, dava pra sentir a brisa se forçasse a imaginação e os prédios ao redor não impediam a vista do nascer do sol, algo muito valioso depois de quatro anos de prisão.

Na semana seguinte, já adaptado a circular livremente pela cidade, passei em frente ao Hospital da família. Por um instante pensei em entrar só para dar um abraço em papai e agradecer por tudo, mas lembrei que tudo que ele não queria naquele instante era a imagem de seu filho condenado ligada a empresa que era sua maior realização. Segui meu caminho, e logo estava na avenida da USF, a melhor universidade de medicina do estado, onde há 4 anos cometi o crime pelo qual ainda pagava. No fundo sabia que papai não queria me ver porque fora ele a pessoa

que mais me impulsionou a entrar no curso. Ele, antes de todo mundo, foi meu incentivador a seguir seus passos e me tornar médico, para que trabalhássemos juntos no Hospital do qual eu seria o único herdeiro posteriormente. Ele não imaginava que esse sonho me meteria na maior encrenca da minha vida. Isso de certa forma lhe imputava certa culpa na história, e por isso ainda não se sentia confortável com a ideia de um reencontro.

Ao chegar na USF, uma enxurrada de lembranças me arrastou de volta ao cenário bonito de um verão feliz quando todo orgulhoso eu assisti a minha primeira aula. Era ainda um rapaz cheio de ilusões e sonhos que acreditava plenamente em cada palavra de progresso jogada pelo campus. Naquela época até as flores nos canteiros da universidade pareciam exalar mais perfume e o ar das 7 da manhã era perfeito para uma longa aula de bioquímica. As pesquisas ligadas à área médica me faziam crer num futuro melhor, e as doenças pareciam problemas do passado perto de todo conhecimento que descobria e me inspirava.

Os primeiros semestres foram os melhores, como sempre. E quando cheguei ao oitavo, sem uma única reprovação, já preparado para escolher a especialização, me deparei com o único desafio que não consegui vencer. Ela se chamava Victória Bonaiut, e era professora do curso de medicina há mais de 10 anos. De conduta ética duvidosa e personalidade extremamente arrogante, Victória acumulava reclamações na ouvidoria da USF, mas nada a fazia retroceder em sua maneira absurda de ministrar aulas. Tinha uma vida pessoal bem comentada entre os alunos, que também não poupavam adjetivos depreciativos ao falar de sua aparência física decadente: cabelos sempre jogados ao ar do abandono, barriga saliente, apesar de magra, pálpebras caídas que casavam perfeitamente com o modelo pouco estilizado dos óculos e aquelas roupas dignas do brechó mais barateiro da região. Mas Victória parecia não se importar muito com o que falavam a seu respeito. Nunca fora casada, não tinha filhos, e como veio de outro estado para assumir o cargo da USF também não tinha muito contato com a família. Toda a frustração facilmente detectável de sua vida pessoal lhe servia de muita motivação para atrasar a vida de seus alunos. E sempre que confrontada sobre seu trabalho não perdia a oportunidade de esfregar o diploma de doutora na cara dos estudantes. Mas ninguém além dela ministrava uma das principais disciplinas do oitavo período, e por isso, todos precisávamos passar por ela.

Victória me fez perder três vezes seguidas em sua disciplina. A primeira, por não aceitar um atestado assinado por meu pai no dia que perdi a principal avaliação por estar doente; a segunda e a terceira vez, por pura necessidade de mostrar seu poder depois que comprei uma briga na universidade para provar que eu e muitos outros alunos tínhamos sido vítimas de suas loucuras de professora amargurada. A ouvidora, mais uma vez, nada resolveu, e eu continuava sendo aprovado em todas as outras disciplinas. porém já contava com um atraso de um ano e meio para a formatura graças às suas reprovações. Até que na quarta vez, acreditando que seu desequilíbrio tinha cessado e me livraria dela de uma vez por todas, fui reprovado novamente sem motivo justo. Fui para casa arrasado, e voltei no dia seguinte determinado a acabar com a vida dela. Infelizmente só consegui arruinar a minha, pois dos dois tiros em seu estômago, só um atingiu uma parte importante de seu sistema digestivo, e mesmo assim os danos não foram suficientes para levá-la a óbito. Assim que recuperada voltou a lecionar, e eu estava condenado por tentativa homicídio.

Victória ainda ensinava na USF, e nada havia mudado em seu jeito patético de trabalhar, e eu, depois de quatro anos largado no inferno, ainda estava motivado a retomar o curso, mesmo tendo que começar tudo do zero.

Para minha surpresa, o novo reitor conhecia toda a história que se sucedeu anos atrás e determinou que minha presença jamais seria aceita naquela instituição novamente. Decidi não comprar a briga por medo de que a mídia trouxesse o caso à tona mais uma vez e papai também se sentisse alvejado. Usei então um dos contatos da caderneta e adquiri os recursos necessários para cursar em outra universidade particular da cidade. Minha vida recomeçava lentamente e eu voltava a me inspirar para além do esperado.

No terceiro ano do curso, um pouco cansado de rever todas aquelas disciplinas pelas quais já havia passado da primeira vez, conheci um rapaz de olhos castanhos e profundos chamado Ícaro. E logo descobrimos que estávamos ali por algo que tínhamos em comum. Ícaro solicitou transferência da USF depois da confusão que também arranjou por repetir duas vezes a disciplina de Victória Bonaiuti, e assim que descobriu que eu era o responsável pelo atentado contra a vida dela anos atrás, logo se tornou um grande amigo. Um dos poucos que consegui manter e que nunca fez julgamento de meu passado.

Com o passar do tempo nossa amizade só aumentou. Saíamos juntos, frequentávamos a casa um do outro, e por diversas vezes ele acabava me tirando de encrencas provenientes de piadas de mal gosto sobre minha experiência na prisão. Ele melhor que ninguém sabia entender minha motivação para ter feito o que fiz.

Mais um ano se passou e estávamos agora mais próximos que nunca. Eu era então seu cunhado. Casei-me com sua linda irmã, Heloísa, depois de um rápido namoro que me reascendeu a beleza pela vida e me trouxe uma reflexão mais profunda sobre o amor. Agora éramos de uma mesma família e tínhamos ainda mais motivos para comemorar, pois a formatura se aproximava novamente, e dessa vez chegaríamos ao final sem nenhuma professora para testar nossos limites.

Ícaro ouviu por muito tempo cada uma das histórias que eu trouxera da prisão, e para ele era como se eu fosse um herói, alguém que pagou caro demais por fazer o que muita gente desejava. Eu sabia que ele me amava verdadeiramente, tanto como amigo quanto como o irmão que sempre sonhou ter, e isso nos tornou inseparáveis. Por vezes ele foi minha

companhia quando eu voltava à prisão para visitar meus excompanheiros de cela, e era tão chegado que logo tornou-se amigo de alguns deles também.

Eu nunca precisei questionar a veracidade da amizade entre nós dois. Desde o dia que conversamos pela primeira vez eu sabia que estava diante de um rapaz sincero e cheio de especialidades; mesmo assim ele me dizia que um dia iria me mostrar o quanto gostava de mim. Eu apenas ria e dizia que ele estava emotivo demais. Ele também ria e encerrava o assunto sempre com a mesma frase: — Deixa só tu precisar de um rim, pra te ver apelar pro meu lado emotivo!

Palhaçadas à parte, chegou o dia no qual ele realmente fez algo que me mostrou o quanto gostava de mim, e essa atitude foi além de qualquer coisa que eu poderia esperar. Estávamos às portas da formatura. O último período tinha sido cansativo, mas o orgulho que sentíamos um pelo outro era alento. Ele então me convidou para um barzinho que ficava na esquina com a USF, e disse que alí onde tudo começou para ele no início do curso era onde ele queria terminar, mesmo estando se formando em outra universidade.

Era uma noite de sexta feira, a avenida depois das 9h ficava sempre quase vazia, mas no barzinho o movimento era bom. Alguns dos estudantes encerravam as aulas e por alí já ficavam para relaxar um pouco depois da pressão semanal, exatamente como ele e eu fazíamos nos tempos da USF. Percebi que de vez em quando seus olhares se voltavam para a saída do estacionamento da universidade, como se esperasse alguém. Mas nada além disso parecia fora do comum. Bebemos um pouco, rimos muito, e só por volta das 10:15min ele me fez entender o quanto merecíamos da vida.

Por volta desse horário, ele me fez olhar em direção ao estacionamento e vi uma moto sair de lá seguida por um carro e outra moto, cada uma com dois homens. A primeira moto parou em certo ponto da avenida e fechou o carro que vinha atrás, obrigando o motorista a parar em seguida. Depois de uma buzinada do motorista queixoso que se viu obrigado a

frear, a segunda moto encostou ao lado do carro e alvejou o motorista na cabeça com exatos quatro tiros.

As duas motos aceleraram em fuga, assim como as pessoas que estavam no bar ou passavam na rua. Eu olhei para Ícaro, assustado, mas ele pediu que ficasse sentado e continuasse a cerveja. Não o ouvi e levantei-me para me juntar a pequena aglomeração que começava a surgir ao redor do veículo alvejado. Ele me acompanhou. Ao nos aproximarmos da traseira do carro, olhei a placa e reconheci sem nenhuma dificuldade cada um dos números e letras que formavam a sequência característica do veículo de Victória Bonaiut.

Olhei mais uma vez para ele tentando entender como planejara algo tão ousado. E então o vi com um meio sorriso no rosto e o copo de cerveja ainda em mãos. Deu um gole, se aproximou de mim, e sussurrou: - Um tiro para cada ano que você passou na prisão... um brinde aos futuros médicos da USE!

Deu outro gole, e deixamos o local antes da polícia chegar.





As árvores das montanhas de Banff escondiam, em certo ponto do terreno, um chalé de muita beleza e puro deleite. Uma casinha amadeirada que acolhia do frio e permitia uma visão deslumbrante dos gigantescos pinheiros que cercavam a propriedade. A varanda dava para um jardim selvagem que parecia não ter fim, e por alí sempre passavam alguns roedores e animais que viviam da floresta para agraciar a tarde de quem se dispusesse a contemplar um ambiente de paz e reflexão, onde o canto dos pássaros ecoava antes de esbarrar na grande placa de vidro que protegia o ambiente interno da casa.

Foi atrás dessa tranquilidade que Emma e Tyler decidiram alugar o chalé para descansar depois dos longos e árduos meses de preparação para o casamento. A festa lhes custou todo o orçamento que arrecadaram, mas valeu cada centavo. Cada momento da cerimônia fez transparecer a sintonia do casal, e se não fosse pelo intenso mal-estar que atingiu o pobre Brian, um dos melhores amigos de Tyler que por beber demais saiu do bufê desacordado, tudo teria sido perfeito. Mas nada que tivesse afetado profundamente a beleza da festa.

Ao final do inverno, quando a neve já se despedia da estação e as nascentes jorravam vida gélida e abundante, o casal chegou disposto a se apaixonar por cada ruído que emitiam os galhos ao cederem à força do vento. Enfim compartilhavam o mesmo sobrenome e não haveria lugar melhor para passarem as duas semanas da lua de mel senão sob os cuidados rústicos da natureza.

Naquele recanto isolado, onde os dias seguiam cálidos e necessariamente cheios de amor. O charme das noites à luz de velas era a certeza de que, naquela situação, a ausência de eletricidade era uma vantagem, e os sons da floresta deixavam no ar uma incrível sensação de conforto e liberdade. Emma e Tayler se isolaram do mundo para dedicar-se inteiramente ao momento que viviam e reviver as fases marcantes do namoro que durou tantos anos. Foram sete ao todo, contando desde que se conheceram

na casa de um amigo em comum e nunca mais quiseram experimentar um único dia sem a presença um do outro.

Sete anos de namoro que renderam muitas histórias que aqueciam ainda mais o pequeno chalé. Com os telefones desligados para economizar bateria no caso de alguma emergência, eles não tinham a mínima noção de como estava o mundo além da floresta, que os abençoava diariamente com encantos nunca vistos antes.

Todas as manhãs Tayler acordava um pouco mais cedo, tomava seu casaco e apreciava uma revigorante caminhada pela floresta à procura de lenha. Os donos do chalé haviam insistido para que ele evitasse esse trabalho, pois tinham perfeitamente como deixar um bom estoque para todo o tempo que necessitassem ficar. Mas Tayler queria vivenciar a experiência por completo e para ele não havia nada melhor que respirar o primeiro ar da manhã enquanto provia a lenha necessária para a próxima noite. A floresta era vasta e oferecia esse e outros recursos aos montes. Sempre havia um tronco caído ou um amontoado de gravetos que cabiam em sua possibilidade de translado, e assim ele mantinha-se firme no seu objetivo de prover o conteúdo da lareira com seus próprios esforços. Emma achava disso uma grande bobagem, e desde o início tinha sido contra a ideia de deixar essa tarefa fora da responsabilidade dos proprietários. Todas as manhãs ela já o esperava com uma xícara de café e assim que ele largava o feixe no chão da sala, vinha o mesmo lembrete carinhoso: "Tome cuidado com a floresta, meu amor. Eu sei que é tudo muito lindo lá fora, mas não vá tão longe atrás dessa lenha; você sabe que podemos ficar sem a lareira por uns dias, mas se você se perder eu não sei o que farei". Ele a beijava, tomava a xícara de café de suas mãos e dizia não haver motivos para preocupação, sabia se virar muito bem.

O resto da manhã era sempre um tempo para descansar e conversar sobre as coisas agradáveis que viveram e a saudade que já sentiam da família. Por vezes pensaram em ligar o telefone e dar um "oi" rapidinho e responsável, mas sempre voltavam atrás ao lembrar que prometeram que aquelas duas semanas eram um tempo só deles e continuavam a aproveitar a companhia um do outro.

As tardes geralmente variavam um pouco mais. Às vezes Tayler as passava sobre a cama, enquanto Emma sentava na varanda para ver os primeiros raios de sol da primavera aquecer a copa dos carvalhos e trazer mais vida à floresta. Toda vez que fazia isso ela percebia que os arbustos ao redor do chalé ganhavam um tom mais escuro de verde, e mais animais herbívoros apareciam para apreciá-los. Mas na maioria das tardes, Tayler saia da cama para acompanhá-la por uma curta caminhada floresta adentro, sempre tomando cuidado para não esquecer de mostrar alguma novidade que vira mais cedo quando saia sozinho para recolher a lenha.

Tudo parecia perfeito, e de fato o era naquele pequeno universo onde só dois habitantes e um chalé na floresta constituía um romance implacável de recém-casados, mas no oitavo dia, quando Emma aproveitou a caminhada matinal de Tayler para quebrar a promessa e matar um pouco de saudade que sentia da mãe e da melhor amiga, algo terrível aconteceu. Na verdade, já havia acontecido bem antes, mas só ao ligar o telefone naquela manhã as notícias puderam chegar ao pequeno chalé.

Tayler voltou um pouco mais tarde do que costumava, e dessa vez, ao invés da xícara de café, ela o aguardava com o celular em mãos, sentada no sofá. Seus olhos vermelhos e marejados denunciaram de imediato que algo estava errado e ao percebê-los, ele largou o feixe e perguntou o que tinha acontecido. Ela levantou-se, jogou o celular sobre a almofada do sofá e lhe disse uma única palavra: "Brian".

O ouvir o nome do amigo, ele absorveu toda a tensão que sondava o ambiente e perguntou se ele havia piorado do mal-estar que sofrera no casamento dias antes. Ela permaneceu o observando quando novas lágrimas já percorriam sua face e deu a terrível notícia: — Ele melhorou do mal-estar que sentiu em nossa festa. Mas, cometeu suicídio no dia seguinte.

Nesse momento, Tayler perdeu toda a cor rosada de suas bochechas e num intenso ataque de asma, perdeu também o controle sobre sua respiração. Emma correu até ele, o levou até o sofá e tentou ajudá-lo a puxar o ar com mais eficiência, mas antes que conseguisse encontrar o inalador que sempre carregava consigo, o corpo do rapaz foi se desligando aos poucos e ele desmaiou.

Vê-lo daquela forma não era novidade para Emma. Ela já havia presenciado outros de seus ataques de asma, mas daquela vez tudo acontecera de maneira mais séria, e as coisas não melhoraram quando Tyler retomou a consciência. Ele acordou ainda muito abalado e o choro incessante embalava suas palavras pouco compreensíveis. A ligação que sempre tivera com Brian não o deixava nem um pouco livre do sentimento de perda que rasgava sua alma. Emma trouxe água, o fez deitar-se em seu colo e tentou de todas as formas acalmá-lo enquanto ela própria sofria sem ter quem a ajudasse.

Minutos depois de um rápido cochilo, ele levantou-se e disse que gostaria de ficar sozinho. Ela não achou que era uma boa ideia, mas não tinha como impedi-lo. Emma subiu ao quarto e de lá ouviu pelo resto do dia os soluços abafados do marido, sentado na varanda do chalé. À noite caiu e Tyler ainda não tinha achado uma razão para voltar ao chalé, mas Emma não poderia deixá-lo por mais tempo largado ao frio.

- Tayler, você precisa entrar. Já está muito frio aqui, e também precisa comer algo, ou vai adoecer. Disse ela com amor ao tocá-lo cuidadosamente nos ombros.
- Vamos embora daqui. Não consigo mais pensar em tudo isso e ficar aqui com você.

Ela o olhou com piedade e tentou usar toda psicologia que tinha para ampará-lo.

— Tayler, escute... eu entendo que vocês eram muito próximos e por isso está sofrendo tanto. Mas não há nada

que você possa fazer lá para trazê-lo de volta. Vamos passar mais essa semana aqui. Algo me diz que estando lá você não ficará melhor. Nessa última semana você vai tentar ficar bem, e eu estarei aqui, do seu lado.

Ela entendia que não haveria mais lua de mel, mas pela circunstância dos fatos e pelo muito que conhecia dele, acreditava que o contato com a natureza iria ajudar a reduzir o impacto do luto. O plano era segurá-lo alí para que pudesse trabalhar sua força e deixá-lo pronto para um mundo sem a presença de quem ele tanto amava. Tayler não acreditava que melhoraria ficando alí, mas também sabia que não poderia mais se despedir do amigo e aquele ambiente solitário da floresta inspirava seu desejo de isolamento naquele momento. Então resolveram depois de uma longa conversa que ficariam e terminariam o tempo combinado.

À noite, Tayler não conseguiu dormir, e depois de muito chorar, acabou apagando quando o sol já havia despontado. Emma ficou acordada com ele o tempo todo tentando evitar que qualquer outra crise o atingisse. Na próxima manhã ela mesma apanhou um pouco de lenha e fez novamente o café. E enquanto fazia, também chorava. Chorava por ela mesma que perdera muito mais que sua lua de mel, e pela situação que afligia quem mais amava. Os dias seguiram quietos e tristes. A lua de mel que antes respirava o ar da primavera havia afundado no frio impetuoso do mais árduo inverno emocional para ambos. Mas o esforço de Emma aos poucos mostrou resultados.

Ela também chorou muito durante todos os dias que alí permaneceram, e sabia que seu sofrimento não ficaria no chalé quando voltassem para casa, mas ele não a via chorar, porque ela sempre procurava fazê-lo nos momentos em que ficava só. A morte de Brian, alguém que para ela nunca havia feito tanta diferença em sua vida, não representava qualquer perda naquele momento. Não depois do que ele deixara para ela. Mas acima de qualquer pensamento egoísta ou rancoroso, ela manteve consigo uma compaixão desmedida pelo marido e continuou a ajudá-lo enquanto pôde.

Tayler foi aos poucos tomando ares mais esperançosos e menos isolados diante da dedicação da esposa, e os passeios na floresta logo passaram a ser compartilhados. Emma sentia a dor daquela perda mais do que o marido poderia suspeitar, mas ela tomou a dor dele como prioridade e o cuidou como se nada a afetasse. E assim pôde vê-lo demostrar menos sofrimento a cada dia que passava.

No décimo terceiro dia, quando Tayler já conseguia projetar suas expectativas para além daquela bolha de dor e os dois se preparavam para voltar à cidade, Emma quebrou o silêncio do quarto enquanto arrumavam as malas com o som de um choro que despontou repentinamente. Ela sabia que, para ela, o momento mais difícil havia chegado.

Ele parou de dobrar os casacos e tocando-a perguntou o que a fazia chorar. Ela então pediu que ele sentasse, ligou o celular novamente e leu a carta de suicídio de Brian que recebera por foto no dia que ligou para amiga e ela contou o que tinha havido com o rapaz.

Tayler começou a chorar ainda na segunda frase, enquanto Emma lia sem parar sobre o romance que ele e Brian mantinham em segredo. A carta era detalhada e contava como ele se sentia desde o dia em que se conheceram. Estavam descritos relatos de um homem que morreu apaixonado. "Lembro-me com uma dor transcendental as noites que passávamos juntos. E não suporto lembrar daquele seu jeito durão enquanto estudava para suas aprovas de cálculo e ouvia aquele programa insuportável de comentário esportivo, e eu assistindo os desfiles da Victória Secret na tv te implorava para largar tudo e ficar comigo. Às vezes você vinha, às vezes só me beijava e dizia que não poderia repetir a disciplina".

Via-se no texto o quanto as diferenças não atrapalhavam o que nutriam um pelo outro e o quanto era sincero o que Brian sentia. Mas tudo desmoronou no dia que que Tyler disse que não poderiam mais continuar juntos, pois, brevemente iria se casar. O pobre rapaz, consumido de paixão não suportou viver sem o grande amor de sua vida, e o porre que tomou no dia do casamento era apenas para aguentar vê-lo por uma última vez ao lado de outra pessoa.

Emma interrompeu a leitura e enquanto enxugava as lágrimas, perguntou:

— Você acha que o que sentia por mim valia tanto a pena?

Tayler acabava de perceber que sua esposa sofrera tanto quanto ele desde o início, e que mesmo ao vislumbrar sua maior decepção ainda fora capaz de engolir sua dor para ajudá-lo. Ele a olhou envergonhado e se desculpou por tê-la enganado durante os vários anos de namoro. Explicou que nunca foi intencional, mas se sentia apaixonado pelos dois ao mesmo tempo. Brian vivera com ele o mesmo amor que Emma alimentava. Ele se dividiu para estar com os dois e nutriu em ambos as mesmas esperanças de um amor eterno. Mas concluiu tarde demais que a concretização de tudo que planejara era possível com apenas um. Foi por medo do mundo e pela certeza da aceitação social que ele escolheu a ela.

A carta de Brian era um lembrete de divórcio aos noivos, anexado a um pedido de desculpas a Emma, a única dos três que nunca soube a verdade. Ele esclareceu que apesar de dividir o amor de Tayler, nunca pensou em abrir mão dele, pois era algo além de qualquer sentimento de posse. Mas Tayler achou que era injusto demais com ela continuar dividindo esse amor depois do casamento.

Emma ficou ao lado do marido porque acreditou em tudo que Brain lhe disse na carta, e depois de vê-lo perder o chão com a notícia da morte do rapaz não tinha como não enxergar o quanto se amavam e oferecer compaixão. Além de tudo, percebeu que tudo que o marido sentira por Brian, fora deixado para trás, pois foi a ela que ele escolheu.

O Pacto



Desde que nasci, a vida nunca fora justa comigo. Aos onze anos meus pais morreram e eu passei a ser responsabilidade de minha tia, Meiry, que só sabia me descriminar. Aos doze, ela me colocou no balé, e aos quinze fui expulsa da escola por mal comportamento, mas continuei nas aulas de dança. Nunca tive namorado, ou emprego. E a pobreza que nascera comigo, de mim nunca se apartara. Nada deu certo para mim. Tudo que sempre fiz de melhor foi reclamar e xingar meus dias de existência. Até aquele dia...

Eram onze e meia da noite. A apresentação de balé fora horrível e desastrosa – mais uma vez. Quando pensei que finalmente teria meu talento reconhecido, veio aquele maldito escorregão, e aqueles idiotas não deixaram barato. Segundo lugar. Eternamente segunda, em tudo na vida; a menos que fosse a última. Estava exausta e pouco convidativa, e a vontade de cair na cama era tão grande que nem o cheiro forte de lasanha requentada que vinha da cozinha conseguiu me excitar. Mas a garrafa de Wolek Pietro largada sobre a mesinha de centro, conseguiu. Eu não era muito adepta à ideia de afogar meus desatinos no álcool, mas achei que um vinho de quinta categoria poderia ser apropriado àquele momento.

Ascendi minha penúltima vela aromática na triste ilusão de que um odor agradável mudaria minha perspectiva da noite; tomei uma daquelas taças que tia Meiry guardava como se fossem troféus na estante, e me dirigi ao vinho. Os goles eram lentos e graciosos e o gosto da uva me fazia, aos poucos, mais sorridente. Não, ainda não era embriaguez. Só estava captando um pouco do prazer que meus sentidos gustativos podiam me oferecer. A coisa só ficou estranha mesmo depois da terceira taça.

Assim que quase transbordei a delicadeza do cristal pela quarta vez, numa gula sedenta que nem eu sabia explicar, a física da gravidade começou a me confundir. Primeiro, o vinho se envolveu numa leve inquietação dentro da taça sem que eu movesse um centímetro da minha mão;

depois, a dança se tornou mais intensa, e eu já esperava uma bela mancha rosada sobre o tapete. Mas a parte que mais me assustava, e assustaria metade dos leitores que já imaginam a cena é que o líquido não derramou. Antes, começou a subir em formato de tornado até quase tocar a lâmpada empoeirada do meu quarto. Eu permanecia atônita e esbugalhada. Ainda não sabia se era de fato realidade ou resultado de minhas goladas desmedidas.

O vinho continuava aéreo bem na minha frente enquanto uma voz grave e ao mesmo tempo leve e suave começou a sussurrar atrás de mim. A voz era lenta e por muito tempo não decifrei se era masculina ou feminina era grave demais para ser de mulher, e o ritmo, delicado e ressonante demais para ser de homem. Enquanto não me resolvia sobre o sexo de quem me falava, notei que havia sido tomada por um pânico tão apreensivo que não consegui me mover, nem gritar, ou seguer virar para ver quem me dirigia as palavras até então incompreensíveis, talvez, pelo meu estado desesperador de medo dominante. Depois, um arrepio penoso se apossou do meu corpo como uma pequena chama toma uma floresta inteira no ápice do outono; mas dessa vez não era só o medo o responsável pelos calafrios, pois a voz parecia mais próxima, e a cada palavra pavorosamente pronunciada, o ar se tornava mais gélido e pesado dentro do pequeno quarto.

Eu ainda continuava sem entender o que significavam as frases sussurradas a mim, e tampouco já havia arranjado alguma força para analisar que força espiritual me comunicava de forma tão medonha; e digo "espiritual" porque àquela altura já não acreditava que houvesse ali alguma coisa de natureza humana ou puramente física. E isso só aumentava meu temor.

Por um único instante achei que deus, aquela coisa cuja existência sempre questionei, estivesse disposto a provarme pela incalculável blasfêmia de toda uma vida, mas deduzi quase de imediato que se tratava de algo menos provável e mais estimulante. Não era deus. Aquele frio que sufocava minha respiração e me fazia bater o queixo parecia sombrio, e ao mesmo tempo, sedutor demais.

A voz continuava a falar-me e quando me dei conta, o medo estava diminuindo e só então, pude compreender as primeiras palavras de uma frase satisfatória: "Estou aqui por você, não tenha medo". Nesse mesmo instante, percebi mais duas coisas: a primeira é que apesar de quase já sem medo ainda não conseguia me mover; a segunda, que a voz era de fato masculina. Fiquei por mais uns segundos observando o vinho se desfazer do formato de tornado e tomar forma de uma serpente; uma linda e fina serpente cor de vinho que venceu a taça, despedaçando-a ainda entre meus dedos sem que me machucasse, e deslizando sobre meu braço e pescoço enquanto a voz ficava cada vez mais nítida e sedutora.

— Aos poucos, seu medo se vai e sua vontade de me contemplar chega a ser tão forte quanto sua necessidade de movimento... mas ainda temes. Por quê?

Eu ainda não sabia se conseguia falar, ainda não havia tentado, mas achei que esse era o momento exato para verificar se minha língua tinha a liberdade da qual meu corpo fora privado, e perguntei tremulamente:

- Quem é você? E por que não consigo me mexer?
- Eu não sou "quem", eu sou "o que". E só poderá se mover e ver minha face quando estiver totalmente livre do medo. Por que ainda temes?

Antes que pudesse citar qualquer um dos tantos motivos que justificasse meu medo, percebi que o pequeno crucifixo que tia Meiry pregara na porta há tanto tempo quanto a idade da própria casa, havia se soltado do prego e se encontrava ao chão partido em três rústicos pedaços de madeira velha. E então respondi:

— Como vou deixar de ter medo se o vinho que antes eu bebia percorre o meu corpo como uma cobra laçando sua presa, sem que eu possa me mover um único centímetro, enquanto uma voz desconhecida me gela o pescoço e faz símbolos religiosos caírem e se quebrarem? O que você é afinal?

- Ora minha querida... tudo isso faz parte da minha apresentação. Eu sou o êxito e a sagacidade da mais bela serpente que rasteja sobre a face da terra; eu sou o frio do inverno mais rigoroso, que mantem as esperanças de uma boa colheita; eu sou a voz mais eloquente e sedutora que seus ouvidos serão capazes de captar. Eu sou aquele capaz de oferecer os melhores caminhos para chegar a seus desejos mais sinceros. Por que temer algo assim? Deixe-me guiar seu medo para fora de si, e ele nunca mais achará lugar dentro de ti.
- E como posso deixá-lo fazer isso? Perguntei menos aflita e mais curiosa.
- Apenas reconheça-me como parte de seu próprio ser e eu lhe mostrarei todos os caminhos por onde deves andar, e me mostrarei também. Bem sei que é o que mais deseja agora.
  - Como sabe que quero te ver?
- Todos os seus desejos estão escritos sobre o motivo de minha existência. Basta você acreditar.

Tentei me virar mais uma vez, mas meu corpo continuava completamente atrofiado. E mesmo ainda sem discernir a situação racionalmente comecei a confiar na espetacularidade daquela voz penetrante.

Ao passo que começava a me interessar mais pela conversa, a serpente que se formara do meu vinho parou de rastejar sobre meu corpo e retornou à taça, que se refez caco a caco diante de mim, e logo, o vinho e a taça eram os mesmos de antes. A voz continuou firme.

— Vejo que começas a me sentir como melhor te serve. Está quase sem medo — falou de forma ainda mais profunda e pausada — agora entregue-se totalmente e verá que sou a melhor visão que seus olhos poderiam contemplar.

Eu já me sentia segura e confiante, além de que, a curiosidade me dominava mais que qualquer outra coisa. A voz era meiga e se tornava cada vez mais sedutora, até que minha paralisia cessou e me virei ansiosa. Mas fiquei ainda mais surpresa, ao notar, no mesmo local de sempre, apenas uma velha poltrona que há muito tempo não era limpa. Não havia ninguém atrás de mim e por mais um segundo achei que poderia estar delirando, ou bêbada.

Ainda sem entender nada, olhei para a taça na mão, molhei a ponta dos dedos no vinho e voltei a me virar para o lado oposto. Foi guando na borda da minha cama. sentado sobre o fino lençol de chinil estava a mais excitante presença masculina que meus olhos já contemplaram. Era alto, muito mais que o normal para homens normais; sua testa era largamente bem desenhada, e seus cabelos eram tão negros que chegavam a demarcar um novo tom de preto, o mais escuro que poderia existir: os olhos, que de tão azuis chegavam a ofuscar, não me deixavam dúvidas de que aquele azul nenhuma lente poderia oferecer; e por fim, a boca farta e extremamente rosada que atraja tanto pela perfeição do desenho quanto pela articulação das palavras. Mas a face e a estatura do corpo era tudo que eu poderia descrever já que vestia um terno bem ajustado que cobria todo o resto. Tinha um ar sombrio e devastador, e isso era o que mais me atraia.

Sem que dissesse uma só palavra, me deixei guiar pelo sorriso estranho estampado em seu rosto e sentei-me ao seu lado. Ele tocou minha coxa e mais um calafrio intenso me tomou por completo, mas dessa vez era bom. Não senti medo, só vontade de conhecer seus segredos.

- E então... Como se sente sem o medo? Perguntou, calmo.
- Eu dei apenas um sorriso, que certamente não era tão aprisionador quanto o dele, e não precisei responder; eu sabia que estava ótima, e ele mais ainda. Quando decidi perguntar:
- Diga. Quem... ou melhor... o que é você? E por que está aqui?
- Eu sou parte de você... na verdade, sou parte de todos, mas só me manifesto fisicamente para aqueles que mais necessitam de mim. Eu sou sua força de mudança, e sinto que hoje é seu dia de mudar.
  - Então, você não é o demônio?
     Ele sorriu largamente e explicou:
  - Não tenho nomes. Tampouco me reconheço nessas

convenções que a humanidade cria a meu respeito, mas se sente tanto assim a necessidade de me nominar, pode chamar-me de... deixe-me ver... — olhou de lado e baixou as sobrancelhas como se pensasse profundamente — Luci. Acho que esse seria um apelido apropriado.

- Luci? Mas não acha feminino demais pra você?
- Talvez, mas meu sexo é ocasional. Posso ser o que as pessoas querem que eu seja.
  - E o que você quer de mim, exatamente?
- Não sou eu que preciso de você, minha querida. É você que precisa de mim. Estou aqui como um servo do destino, totalmente a seu favor. Disse ele tomando cautelosamente a taça de vinho que ainda segurava em minhas mãos.
- Mas eu não o chamei. Nem sei que tipo de coisa é você. Acho que estou muito bêbada mesmo. Falei levantandome sorrateiramente. Ele segurou na minha mão esquerda, e pediu para que tivesse calma que tudo ficaria bem. Explicou-me que bastava um voto de confiança na magia do destino e tudo de ruim cessaria para mim. Eu apenas o ouvia, encantada.
  - E como devo fazer esse voto?
- Por hoje basta dividir essa taça de vinho comigo, e então selaremos um compromisso de sangue pelo resto da vida. Seus dias de fracasso e sofrimento estão por findar e tudo de ruim então se apagará.
  - Como sabe que sou fracassada na vida?
- Já disse que sou parte de você. Conheço todos os seus medos e sei como a vida lhe tem sido árdua. Levantou a taça na minha frente, como se estivesse propondo um brinde e concluiu Está disposta a mudar isso?

Eu o fitei confiante e virei-a totalmente na boca, como se a tivesse encontrado no deserto mais quente, e então, o vi sorrir pela última vez enquanto um sono arrasador me derrubava sobre os lençóis da cama, que havia magicamente sido preparada para receber meu corpo cansado.

Mas o sono foi tão forte quanto rápido. Poucas horas

depois, um jato frio arrancou-me do mundo dos sonhos bruscamente, e ao abrir os olhos me deparei com três homens uniformizados me olhando sem conseguir acreditar no que viam diante de si.

A vela que ascendi antes do vinho provocara um incêndio que se alastrou pela casa enquanto dormia. Tudo havia se perdido, inclusive a vida de tia Meiry. A casa inteira fora devorada pelo fogo e as paredes do meu quarto, apesar de terem permanecido em pé, não tinham mais a cor original. O cheiro da fumaça penetrou meu olfato apenas segundos depois de deduzir que os homens fardados na entrada onde ficava a porta do meu quarto eram bombeiros. E estes, ainda mais atordoados que eu, por me encontrar viva, não paravam de olhar em minha direção boquiabertos.

Levantei assustada e, ao me dirigi a eles, entendi definitivamente o que os intrigava. Minha cama ficara intacta no centro de um círculo perfeito cujos limites o fogo não ousou ultrapassar. O pacto era real, e já estava em vigor.





Estava de saída quando recebeu a ligação do banco. Era quase meio dia, mas continuava sem fome, quando de repente, ouviu as pancadas na porta da cozinha que o fizeram acelerar os batimentos. Eram batidas ritmadas, com uma melodia que lhe pareceu extremamente familiar. Lembro-me de vê-lo inteiramente arrepiado quando abriu a porta, porém não de medo. Só reagiu aos impulsos de sua emoção. Parecia feliz e aliviado ao me ver. E ali estava eu, saudoso depois de tanto tempo sem vê-lo, e, inacreditavelmente vivo.

Poderia continuar descrevendo por horas a densa mistura de expressões estampada na mesma face que me olhava sem encontrar as palavras, mas aconteceram muitas coisas até chegarmos nesse encontro para ele inesperado, então é melhor irmos ao início.

Quando nos conhecemos era um dia ensolarado, mas isso não é evidência de que havia sido um bom dia. Não se engane com as histórias de dias de sol e almas consequentemente acaloradas. Na verdade, tinha sido um domingo ruim para ambos, e ele fora a única forma de beleza autêntica que me atingira naquele crepúsculo quase concluído.

Dois anos depois estávamos casados e frenéticos. Os crepúsculos eram agora acompanhados por beijos demorados e histórias não tão agradáveis que transpareciam o quanto o nosso trabalho nos roubava certas vantagens de casal. Estávamos cientes que perdíamos muitas outras coisas que não aconteciam sob a luz alaranjada dos pores do sol da Califórnia, um dos poucos locais onde ainda podíamos passar minhas férias sem muitas ligações do Yorker Bank, um dos bancos em ascensão da grande Nova York. Ele, professor universitário; eu, gerente do Y.B. E nenhum respirava muito bem o ar do descanso. Ganhávamos bem e por isso pretendíamos manter nosso estilo de vida, mas a um custo cada vez mais alto. Quase não nos víamos durante mais da metade do ano por nos dividirmos entre cidades distintas, e nosso casamento sobrevivia entre uma temporada e outra na casa de praia de Santa Barbara.

Em uma tarde qualquer, depois de ouvirmos algumas notícias sobre apólices de seguros e coisas relacionadas a planejamento financeiro na TV, seu telefone tocou para mudar completamente nossas vidas.

- Sr. David? Introduziu com incerteza seu interlocutor.
- O próprio. Respondeu, curioso.
- Sou o Sr. Carter, reitor da Universidade de São Francisco. E lhe trago ótimas notícias.

Não acompanhei toda a conversa, mas de longe percebi que algo muito bom acabava de acontecer para ele. Não parava de fazer perguntas e sacudir as mãos como sempre fazia quando uma felicidade desmedida o tomava. Acabava de ser convidado a ministrar na faculdade que sempre sonhou e onde tentara por diversos anos entrar como mestre, mas isso recomendava-nos novas resoluções.

São Francisco ficava do lado oposto da costa e se já estava difícil para a manutenção do nosso tempo livre juntos com ele morando num estado mais próximo a Nova York, agora seria ainda mais desafiador. Mas a proposta era muito boa e ele havia esperado por isso desde antes de mim. Seria injusto de minha parte dizer uma palavra de desestímulo. Além do mais, passaria a ganhar quase o dobro do que ganhava e logo teríamos dinheiro para nossa casa em Miame. Queríamos recolonizar o país, e por essa ambição colocamos nosso casamento em risco.

A mudança ocorreu e só depois de alguns meses percebemos que não seria tão fácil quanto fingimos acreditar ser. Nos víamos uma única vez a cada dois meses, e para isso o esforço era tremendo. Mas continuávamos firmes.

Quando completamos um ano nesse martírio eu já analisava profundamente possibilidades de resgatar-nos desse sistema. Via-nos mais distantes do que nunca e não se tratava apenas de distância física. As conversas ficaram mais rápidas e sem muita consistência. Falávamos sempre sobre as mesmas coisas: stress, cansaço, problemas com apólices que eu tinha de resolver frequentemente no banco... E foi numa dessas conversas que me veio a ideia mais absurdamente genial da minha vida.

Não haviam alternativas cabíveis para trazê-lo até mim. O contrato de quatro anos era muito bom pra sua carreira e dava-se tão bem que provavelmente novos contratos viriam sem qualquer dificuldade, talvez até para locais ainda mais distantes de Nova York. Então, se eu ainda quisesse salvar meu casamento, que mais cedo ou mais tarde ruiria diante de tantos quilômetros mal administrados, deveria ir até ele. E para manter a salvo nosso estilo de vida expansivo, eu decidi que o ideal era morrer.

O que ocorre aqui é que um pouco antes de David se mudar para São Francisco eu o coloquei como beneficiário de uma apólice oferecida pelo Yorker Bank que o deixava quase milionário em caso de viuvez. E ainda não satisfeito, eu resolvi pagar mais caro e endossar os números do seguro. Me deixando praticamente sem nenhum tipo de regalia pelos próximos meses. Mas essa mudança o faria passar de "quase", para de fato milionário. A aposta era tão alta que o Yorker Bank teve de fazer uma conjunção financeira com outro banco parceiro, e eu obviamente tratei de tudo pessoalmente com a maior discrição possível.

Não houve em nenhum momento qualquer pensamento suicida. O objetivo principal era simular minha morte para que David recebesse o dinheiro do seguro e logo pudéssemos usufruir de uma vida mais tranquila juntos. Para isso, esperei mais alguns meses após o aumento do valor da apólice para evitar suspeitas de fraude e aproveitei esse tempo planejando tudo de maneira minuciosa.

No apartamento ao lado, morava Theo, um amigo que David e eu conhecíamos desde quando começamos a namorar. Theo era um advogado frustrado com uma longa e confiável lista de contatos que lhe era bem conveniente. Não me senti nem um pouco receoso para conversar com ele sobre cada detalhe do meu plano; e ele, como esperado, nem um pouco desconfortável em aceitar fazer parte da trama. Em troca lhe daria uma boa quantia do dinheiro que receberíamos do banco. Tinha o plano impecável e o parceiro perfeito.

Minha morte seria acompanhada e filmada, mas meu corpo não seria encontrado. Assim teríamos a constatação legal de óbito exigida pelo banco. Para isso encontramos um local onde isso seria possível: Dion Beach.

Dion Beach era uma praia quase deserta a norte do país com uma plataforma de metal sustentada em cima das rochas da costa. numa cidadezinha litorânea com um projeto de turismo extremamente malsucedido. A plataforma, que apesar de ter sido construída num local de grande beleza natural, acabou acumulando dívidas ao município ao invés de atrair visitantes. Os únicos beneficiados foram os praticantes de bungee jumping, que aproveitavam ali seus saltos mais avassaladores. Theo já havia experimentado duas vezes o salto de Dion Beach, e me descreveu com louvor a incrível sensação de ver seu corpo cair numa velocidade dilacerante em direção às pedras e ser puxado de volta segundos antes de atingi-las, sentindo a nuvem de água que subia guando as ondas se guebravam nas rochas. --- Era perfeito... dizia ele, --- quando a gente sumia em meio àquela cortina de água e tudo que se via de fora era o elástico sendo puxado de volta, mas nós, durante o salto, não víamos nada, só ouvíamos o barulho estrondoso da água batendo nas pedras e lavando nosso corpo.

Decidimos então que esse seria o local e a circunstância perfeitos para minha morte. E que no meu caso, só o elástico voltaria. Para justificar o desaparecimento do corpo, escolhemos uma época em que era proibida a prática de Bungee Jumping. Em meados de maio, quando as marés subiam mais e o mar ficava violento a maior parte dos dias.

Theo usou um de seus contatos, que trabalhava no instituto de perícia, e este se encarregou de nos arranjar um corpo parecido com o meu. E estávamos prontos pra execução do plano.

No dia em que chegamos a Dion Beach, lembro-me que fui tomado por um medo que quase nos fez desistir. A plataforma era muito alta, as rochas pareciam atrair meu corpo. A morte seria fingida, mas o salto eu teria de realizar. Ele me acalmou dizendo que seria tranquilo e que ele próprio queria aproveitar a oportunidade para relembrar os velhos tempos, mesmo com o mar furiosamente nos avisando para não o fazer.

Enrolei um pouco ali sentando. Tentando não sucumbir ao medo e rezando para que tudo desse certo. Mas, quanto mais adiava, mais o barulho das ondas me assustava, então pensei uma última vez em David e decidi concluir o plano.

Esperamos o momento exato para que no vídeo não houvesse erro. Quando uma onda se aproximava, Theo ligou a câmera, eu disse algumas palavras fingindo estar animado para meu primeiro salto, e pulei. Lembro-me de quando entrei na cortina de água descrita por ele dias antes e então relaxei imensamente ao sentir a força do elástico me tirando dela segundos depois.

Depois, repetimos o salto com o cadáver que trouxemos no carro. E com ele demos um jeito de fazer o elástico não suportar o peso. E assim que mais uma onda bateu na costa e a cortina de água se dissipou, Theo filmou meu suposto corpo largado sobre as rochas sem a mínima possibilidade de sobrevivência. Ele então largou o celular num ato aparente de desespero e foi pedir ajuda. Um perfeito ator hollyudiano. Mas sabíamos que o socorro levaria tempo, e logo a maré subiria, dando um final ao que restara da aventura.

Uma corda especial havia sido amarrada a um dos pés do corpo que arremessamos depois de mim. Ela se camuflava com o cenário, e a má qualidade da câmera assegurava-nos uma total impossibilidade de a enxergarmos no vídeo. Mas ela era maior que a distância do salto, então depois pudemos resgatar o corpo e manter a certeza de que as autoridades nunca encontrariam maneiras de arruinar nossos planos. Com a maré tão perigosa, ficou fácil entender que o corpo fora arrastado para áreas mais profundas por alguma corrente.

De volta a Nova York, um outro contato de Theo, especialista em audiovisual, juntou os dois vídeos de maneira perfeita, e estava pronta a prova de minha morte.

Dois meses depois, o banco reconheceu a validade do óbito e David não teria mais de se preocupar com dinheiro pelo resto da vida. Mas numa única ligação que recebi de Theo nesse tempo, ele me disse que nenhum dinheiro do mundo poderia aliviar a dor que David demostrava estar sentindo. Também salientou que haviam investigações do banco referentes à apólice, e que eu não deveria aparecer até o dinheiro estar entregue. O que logo ocorreu.

Esperei pacientemente os quase três meses e então estava de frente com David novamente.

- Não me convida para entrar? Perguntei do lado de fora da cozinha.
- Ele sorriu e quase me derrubou se jogando nos meus braços em direção a um abraço profundo e demorado.
  - Como você pôde fazer isso, seu louco?!
  - Fiz por nós. Morri pra tudo e nasci de novo só pra você.

Ele então me arrastou pelo braço e foi me levando em direção ao quarto. Disse-me que não tínhamos muito tempo e antes que eu pudesse questionar o motivo da pressa já estávamos diante de duas malas enormes. Eu o olhei curioso, e só então percebi que meu plano estava prestes a ser desvendado.

- Precisamos sair do país. Ou saímos agora, ou você ficará preso por um bom tempo.
- Mas o que houve? Não estou entendo! Exclamei preocupado.
- Desde quando você gosta de Bungee Jumping, Erik? Eu passei pelos piores momentos da minha vida quando Theo me ligou falando sobre sua morte. Mas ele parecia sempre tranquilo, e tem me ligado constantemente nesses últimos meses. A princípio não entendi direito o motivo, mas depois fui juntando uma coisa à outra e conclui que você, por meio dele, acompanhava tudo de longe.

Eu sorri orgulhoso. E ele continuou:

— Mas não temos tempo. Hoje o banco ligou. Disse que eu precisaria ir até Nova York para contribuir com a investigação ainda sobre a apólice. Encontraram algum problema com aquele vídeo maldito que me tirou o sono de tantas noites. E eu deveria colaborar com a polícia com alguns depoimentos. Também disseram que o dinheiro que me transferiram há uma semana será congelado e que sou obrigado por lei a não movimentar minha conta até que os depoimentos ocorram. Como já estava desconfiado, transferi o todo o dinheiro para um banco na Europa assim que o recebi. É lá que viveremos por tempo indeterminado.

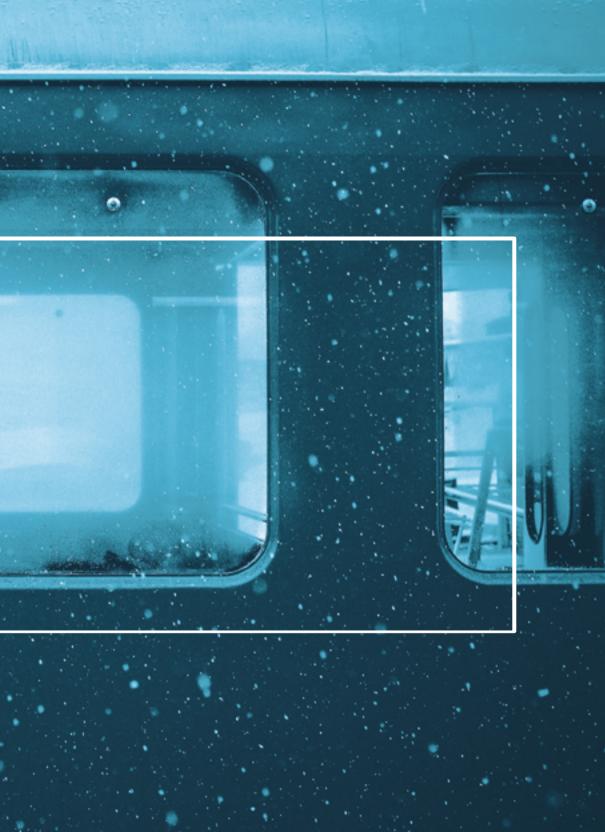
Percebi que ele já havia preparado tudo. Sabia exatamente o que fazer e parecia não se importar com exatamente nada sobre os novos destinos de sua vida. E antes que tivesse a chance de me sentir culpado por ter bagunçado tanto a minha vida quanto a sua, ele completou.

- Vamos, a mala azul é a sua. Theo me mandou todos os seus documentos e eu os guardei nela junto com algumas roupas e seus perfumes favoritos. Também mandei uma boa quantia de dinheiro para ele se virar em outro lugar. Agora vamos.
- Mas eu não pude simplesmente ignorar o que ele estava fazendo consigo mesmo.
- Meu bem, não precisa fazer isso. Você desejou tanto estar aonde chegou. Não quero que jogue sua vida pela janela assim, por minha causa. Não é justo. Eu posso passar por isso sem te incluir.
- Já experimentei ficar longe de você e não tem sido nada agradável. Não estou jogando minha vida pela janela. Estou saltando de cabeça em uma nova aventura com você.

Nesse momento senti como se o frescor das águas de Dion Beach me atingisse novamente, e então ele concluiu.

— Agora é a minha vez de morrer por nós dois.

## O Garotinho do Metrô



Sentado num dos bancos de concreto de uma das estações de metrô da maior metrópole da américa latina estava um pequeno garotinho segurando no colo sua pequena mochila azul e seu urso de pelúcia, a quem chamava de Gogó. A estação voltava a funcionar aos poucos depois de ficar parada desde as 10 da manhã e a cidade vivia certo caos por isso. Às três da tarde uma mulher notou o garotinho sentado e apareceu para elogiar seu bichinho:

— Que ursinho mais bonito você tem! Posso vê-lo? Perguntou ao garoto enquanto estendia a mão em direção ao companheiro tão valioso.

O garotinho sentiu pela primeira vez naquele dia uma insegurança aterradora. Apostava todas as fichas que ela não devolveria o amigo caso ele cedesse. Franziu a testa e agarrou-se ao urso com toda força que tinha para deixar claro que não estava aberto a negociações. Ela entendeu o recado e mudou a estratégia.

- Você gosta muito do seu ursinho, né? Eu não vou pegá-lo. Fique tranquilo. Só queria saber onde está sua mamãe. Por que está aqui sozinho?
- Não estou sozinho. Tem meu amigo também. Respondeu mais aliviado o pequeno.
- Intrigada por não ver mais ninguém por perto ela indagou:
  - Ahhh que bom! Mas onde está seu amiguinho?

Ele a olhou com uma cara de nítido descontentamento e não lhe respondeu coisa alguma, talvez por considerar a pergunta estúpida demais. Mas isso não a impediu de continuar tentando conquistá-lo.

- Eu me chamo Verônica. E como você e seu amigo se chamam? Perguntou ela com receio de que novamente fosse ignorada.
- Meu nome é Guilherme, e esse se chama Gogó. Disse o garoto apontando para o urso.

Só então ela entendeu de quem se tratava o amigo que o fazia companhia. Mas a preocupação que a fizera vir até ele continuava. Então, ela abriu a bolsa e tirou um pacote de biscoitos que havia levado para o trabalho e não os comeu. Sorte do garoto! Ele parecia faminto e as roupas um tanto danificadas sinalizavam que, talvez, comida não era a única coisa que lhe faltava.

Enquanto Guilherme comia, sem soltar um instante o urso de pelúcia, Verônica descobriu que ele tinha apenas quatro anos e meio, e que não se tratava de mais um menino de rua como tinha julgado a princípio. A mãe o havia deixado alí mais cedo dizendo que voltaria logo mais para pegá-lo. Talvez pela idade e por ainda aparentar certo receio com a mulher, o pequeno não soube explicar os motivos de não ter ido com a mãe ou porque ela não o deixara na companhia de algum responsável até voltar. Tudo que conseguiu deixar bem claro foi que estava proibido de se retirar do banco até que sua mãe retornasse. Era ordem expressa que ele seguia há muitas horas. E isso explicava a fome que sentia.

O tempo ia passando de maneira mais acelerada à medida que as pessoas conseguiam embarcar e a estação continuava mais lotada que o usual.

Quando o garotinho terminou o biscoito já havia passado meia hora desde que Verônica tentava alcançar sua confiança, e depois da última bolachinha ela teve certeza que havia progredido. Ele agradeceu satisfeito; ela retribuiu com um sorriso e limpou as migalhas que restavam em seu queixo.

Depois de mais alguns minutos tentando entender o porquê daquela criança estar num local tão cheio de riscos para alguém da idade dele, e ainda por cima, sozinho, Verônica imaginou que se de fato ele estava seguindo a ordem dada mais cedo pela mãe à risca, devia estar com sede da mesma maneira que sentira fome. Ao questioná-lo sobre isso, percebeu que seu tímido aceno com a cabeça negava sua hipótese. Mas, para ela, isso não deixava a situação menos dramática, pois logo constatou que o pequeno desejava outra coisa tão importante quando beber água:

— Tia, você pode me levar ao banheiro? Perguntou em tom quase inaudível, temendo ser repreendido por cogitar deixar o banco de onde havia recebido ordem para não sair.

Verônica respondeu afirmativamente e não demorou em estender a mão para que ele não se perdesse no meio da multidão enquanto ela o levava. Na porta do banheiro masculino, ela pediu que ele fosse o mais rápido possível para evitar qualquer desencontro com a mãe caso ela voltasse no instante em que estivessem alí.

Antes de entrar, ele entregou-lhe a mochilinha azul e pediu que a segurasse até que voltasse, mas o ursinho ele levou. Ainda não havia confiado a tal ponto na mulher que o alimentou. Nenhum biscoito pagaria o Gogó, calculou em sua pequena mente de criança que sabia valorizar o único brinquedo que tinha.

Guilherme entendeu a importância da recomendação de Verônica, e logo estava de volta. Foi tão eficiente que as mãozinhas ainda estavam molhadas quando a encontrou novamente na porta do banheiro, mas a pressa não foi a única coisa que o impediu de enxugá-las, uma vez que era pequeno demais para alcançar o secador elétrico na parede. Enxugou-as sob as manchas escuras que estampavam sua camisetinha vermelha e seu short esburacado.

Para Verônica, foi como se voltasse no passado e resgatasse a lembrança que nunca teve com a filha que deu à luz há 7 anos atrás. Ao ver aquele pequeno garoto enxugar as mãos na roupa suja sem a mínima preocupação com a higiene, ela retomou a memória da vida igualmente simples e difícil que levava na época em que abriu mão de seu bem mais valioso. Desejou que pudesse ter dado à filha a mesma oportunidade que a mãe de Guilherme o dava, podendo vê-lo crescer mesmo que em condições precárias.

O tempo passou para Verônica, e as coisas até melhoraram. Mas agora não havia como resgatar a parte mais importante de seu passado. A filha fora adotada por um casal de estrangeiros, e ela contentava-se apenas com o fato de saber que a menina certamente vivia bem e era amada pelos novos pais. Por agora, tudo que poderia fazer era cuidar daquele garotinho esfarrapado que vagava sozinho por uma estação de metrô esperando sua mãe voltar para levá-lo consigo.

Perto das 5 da tarde, quase duas horas depois do encontro com Guilherme, a mulher começava a sentir mais profundamente uma verdadeira preocupação com o garoto. Pois a noite logo chegaria, o metrô ficaria ainda mais cheio e a mãe do pequeno ainda não voltara. Pensou durante quase todo o tempo que ficara com ele que se tratava de um caso de atraso desmedido e falta de cuidado materno, mas aos poucos foi se perguntando se essa mãe havia deixado o garoto ao deus dará naquele metrô pela mesma razão que ela o fizera com a filha anos atrás. Mas esse era um pensamento que trazia consequências tão cruéis que ela tentava fugir dele a todo instante, mesmo compreendendo a situação de uma mãe que pudesse vir a fazer tal coisa.

Com a mochila azul ainda em mãos, Verônica pôde rapidamente verificar que dentro estavam apenas duas garrafinhas de água já vazias, o que explicava sua falta de sede e sua necessidade de ir ao banheiro algum tempo antes. A confiança que tanto desejava do garotinho desde que sentara naquele banco ia se tornando mais tátil à medida que ele a convidava para brincar com o ursinho Gogó, e enquanto ela brincava, tentava entender mais da vida do pequeno. Nesse ponto, já havia percebido o quanto a vida tinha sido injusta com a pobre criança até aquele momento, e quando descobriu sobre o pai é que percebeu o quanto também era difícil para a mãe que o deixara ali.

— Eu não tenho papai. Um carro bateu nele quando eu tava na barriga da minha mamãe. Disse sem o mínimo tom de tristeza típico de alguém cuja inocência não permite entender a relevância da perda.

Teria essa mulher concluído, quatro anos depois de muito sofrimento, que não conseguiria mais cuidar do próprio filho? Ou será que essa ideia de abandono representava apenas a lembrança dolorosa de outra mãe que que vivenciou a impossibilidade de criar sua filha frente à crueldade do mundo?

Guilherme não tinha irmãos. Era filho único de uma mãe pobre e solteira que o deixara num banco da estação de metrô prometendo voltar logo. Mas o garoto parecia não estar tão preocupado quanto quem gentilmente o fazia companhia. Ele esperava confiante pela volta da mãe enquanto cuidava do amiguinho de pelúcia e respondia perguntas de uma mulher estranha que o alimentara e o levara para fazer xixi. Na cabeça de uma criança como ele, acostumado a situações desfavoráveis, aquilo era muito normal.

Foi apenas quando deu 6 horas daquela quase noite que, o menino, cansado de esperar, adormeceu no colo de Verônica. E ela, que já havia se apaixonado pelo pequeno, também não poderia esperar mais. Decidiu apoiar o garotinho em seus ombros e pegou o metrô para casa.

Em casa, depois de colocar o pequeno na cama, ela também já faminta, foi até a cozinha e preparou um macarrão com frango que sabia fazer como ninguém. Procurou um pouco de queijo na geladeira, mas não encontrou. A vida havia melhorado razoavelmente sua condição financeira depois do emprego de meio período que conseguiu no mercado Santa Bárbara, mas tudo continuava modesto.

Ao final do jantar, Verônica sentou-se no sofá e ligou a tv. O penúltimo capitulo de sua novela favorita acabava de terminar e ela teve de se contentar com o jornal das 8 que trazia como principal manchete a falha do metrô que afetou tão bruscamente o fluxo da cidade desde aquela manhã. Mas o que a chocou não se resumia, nem de longe, ao fato de que tantas pessoas perderam seus compromissos ou chegaram atrasadas em casa. A notícia não se deteve tanto às consequências do que ocorreu, mas à causa.

Naquele dia, por volta das 10 da manhã, uma mulher de meia idade que catava latinhas na estação que ficava mais próxima da que ela havia passado mais cedo, caiu nos trilhos quando o metrô estava a poucos metros de parar. O grande saco que carregava nas costas pode ter sido o principal motivo de seu desequilíbrio fatal.

Mas a notícia ia muito além do trágico acidente que ceifou a vida de uma mulher pobre. Também mostrava seu percurso durante todo o momento que passou na estação, retomando inclusive o momento que chegou à estação anterior a do ocorrido, onde deixara um garotinho sentado sobre um banco. As imagens eram claras e frescas. Acabavam de ser divulgadas pela primeira vez, e Verônica logo se viu no vídeo conversando com o pequeno Guilherme. Agora sabia que este era um caso de abandono da vida, não de uma mãe que lutava como podia para suprir sua necessidade e as de seu filho.

Desligou a tv e foi até o quarto observar o garotinho que dormia tranquilamente, enquanto ela mesma chorava em silêncio e se perguntava como a vida podia ser tão dura com uma criaturinha tão doce e inocente. E num instante em que tentava achar uma resposta, um suspiro profundo exalou do pequeno Guilherme e seus olhinhos abriram, como se soubesse que havia alguém precisando de consolo ao seu lado. Ele a olhou assustado e perguntou onde estava a mãe.

— Ela ainda não voltou, meu amor. Mas durma, amanhã nós a encontraremos, está bem? Respondeu sorrindo.

Verônica não sabia como lidaria com a informação sobre a morte da mãe que inevitavelmente um dia chegaria àquela criança, também não sabia se no dia seguinte o levaria ao metrô para cumprir com as expectativas dele quando acordasse ou à assistência social para dar entrada no pedido de adoção no mesmo instante. Tudo que ela sabia era que aquele garotinho não seria mais um a viver sem os cuidados e o amor de uma mãe.





Meu sapato esquerdo quebrou por volta das dez e meia. Eu mal pude acreditar. Tinha custado uma fortuna; e a festa mal tinha começado. Mas não dei muita importância a isso já que não comprei no número adequado e meus pés estavam que não se aguentavam mais de dor. Minhas reclamações e aparente indignação não passavam de ceninha para convencer as mulheres ao redor de que eu reajo exatamente como todas elas reagiriam. Era só um sapato!

Às onze e tantas, depois de uns três copos de whisky e duas sapatadas na cara d'uns caras metidos a garanhões eu precisava de um tempo só pra mim, e fui ao banheiro retocar as ideias absurdas que me passou na cabeça depois da briga com o patife do Claudio horas antes. Quando voltei, a festa já havia acabado.

No salão central, só latinhas, garrafas e pedaços de salgadinhos espalhados pelo chão. Os últimos convidados se despediam dos noivos no portão de saída e eu, sem demora alguma, os acompanhei. Alí, olhei Paula nos olhos mais uma vez, e quase chorando os desejei muitas felicidades no casamento; mesmo sabendo que a linda renda em seu vestido de princesa seria a única escolha da qual ela não se arrependeria quando, mais tarde, olhasse tristonha as fotos do dia em que se entregou ao homem errado no altar.

Saí meio sem rumo, sem saber pra onde ir e apenas resolvi não voltar para o hotel como fizeram os outros. A cidade não estava a todo vapor, mas ainda era cedo: uma e pouco da madrugada - fiquei tempo demais retocando minha raiva no banheiro, e já que Paula havia pagado caro para casar na cidade natal do noivo e ainda bancar a viagem e hospedagem dos convidados, eu resolvi aproveitar o resto da noite por algum canto daquelas avenidas desconhecidas.

Ainda um pouco alterada pelo álcool e inconformada pelo "sim" que ouvira mais cedo, fui à procura de algo que me arrancasse a tristeza da alma. Encontrei um bar logo no início da avenida, e para minha alegria, funcionava 24 horas. Tomei mais duas doses de alguma bebida que não sabia o que era, e achei forte demais para pedir a terceira, mas já estava tão afetada que o lustre do teto começou a derreter. Foi quando vi chover gotas de luz sobre minha cabeça. O dono do bar era um homem gentil, percebeu logo que eu não era dali, pelo sotaque, e começou a perguntar se eu sabia voltar sozinha para onde estava hospedada. Respondi chorando que não, e então, uma mulher meio loira meio ruiva me levou a um cantinho gostoso onde pude tirar um cochilo.

Acordei uns 50 minutos depois, paguei a mulher que não parecia nem mais loira nem mais ruiva dantes, e segui caminho em busca de qualquer aventura que a noite ainda pudesse me ofertar. Três esquinas depois de uma pracinha bonita onde vi uma fonte de águas dançantes eu encontrei o Leto. Ele parecia meio desnorteado, quase tanto quanto eu, mas ao contrário de mim conhecia a cidade e disse que me mostraria alguns lugares legais se eu o deixasse me abraçar bem forte. Eu deixei e então saímos cantando uma música antiga dos Menudos; ele segurando-me pelas nádegas e eu debruçada em seus largos ombros. Leto era tão gentil quanto o cara do bar. Me perguntou porque eu estava toda molhada e até me ofereceu seu cobertor de lã depois que detalhei meu delicioso banho de minutos antes na fonte. Eu não estava com frio, mas aceitei para não fazer feio.

Leto disse que morava ali perto com a família e que trabalhava numa firma de distribuição de bagulho, mas não achei que ele tinha cara de empregado e pai de família. Sua barba era grande e tinha um pedacinho de macarrão preso nela; resquícios do almoço, provavelmente. E sua roupa também não era lá grandes coisas para alguém que diz ganhar dois salários máximos. Logo desconfiei que o nome dele pudesse não ser Leto, como me dissera. Mas àquela altura, nem "bagulho" eu sabia mais o que era.

Aos poucos fui parando de filtrar as informações absurdas que Leto me contava sobre sua vida. Percebi que sua companhia me fazia bem, e queria apenas experimentar mais daquele passeio quase romântico. Se Paula podia ser feliz mesmo estando casada com o homem errado, eu também poderia apenas viver o momento e sorrir com as histórias engraçadas daquela figura que não parava de apertar minhas nádegas enquanto andávamos incansavelmente sob a tímida luz dos postes inebriados.

Se não me engano, foi pelas três e meia que paramos debaixo de uma árvore que ficava em mais uma esquina da avenida e deitamos entre duas de suas raízes ousadas que romperam a calçada. Bebemos mais um pouco da garrafa que Leto carregava consigo e continuamos conversando. Mas antes que nos beijássemos, comecei a falar de quanto odiava Claudio e de como seria infeliz aquele casamento. Já chorando, Leto segurou-me pela mão como Claudio fazia na ausência de Paula e disse-me, com a voz dele, que ninguém o faria tão feliz como eu. Foi quando tudo começou a girar em volta e pude perceber que Leto não estava mais ali. Era Claudio que me dirigia as palavras de conforto e me beijava ardentemente desde então.

- Paula não está com você, está? Perguntei com a voz cambaleando.
- Não, meu amor. Paula está no hotel. Não se aborreça com o casamento; é pura fachada, você sabe. É a você que amo.

Meu coração sorriu fervorosamente e depois que sua barba me tocou os seios como em outras noites de inverno, apaguei feliz, como se não tivesse nenhum contrato matrimonial entre nós, como se não houvesse nunca estado ali. Acordei no dia posterior com uma mendiga tentando roubar minha bolsa e não havia mais Cláudio nem Leto. Era apenas eu, de ressaca, num bairro estranho de uma cidade desconhecida, após a noite mais infeliz da minha vida. E ainda apaixonada pelo homem que casou com minha irmã.

## Uma Noite com Vânia



Já no final da quinta avenida morava Dra Vânia Ribeiro, uma mulher de poucos amigos e largas sobrancelhas. Ela nasceu no hospital Santa Tereza, que também fica na quinta avenida. Sua mãe morou ali até o dia de sua morte, e da casa onde cresceu Vânia nunca se mudou. O Santa Tereza era inclusive seu local de trabalho desde que se tornara ginecologista, e seu mercado favorito continuava sendo o Santana, que dividia muro com a igreja onde sua mãe a levava para rezar aos domingos. Tudo ficava na quinta avenida, inclusive a casa alugada por um tal de Fabrício Penedo.

Ambos dividiam a mesma rua desde que Fabrício se mudara a menos de um ano, mas a vida agitada de Vânia nunca a permitiu observar com atenção as pessoas que estavam próximas a ela. Apesar de raramente deixar os arredores de sua casa, ela vivia dentro de um redemoinho de ocupações. Trabalhava no Santa Tereza pela manhã, malhava pelas duas da tarde, ia ao mercado quase todos os dias às quatro e estudava suas gramáticas japonesas logo depois do jantar, na esperança de que algum dia pudesse encontrar em seu consultório uma imigrante que testasse seus conhecimentos.

Fabrício, ao contrário de Vânia, vivia de maneira mais despreocupada e já havia experimentado o ar de diferentes países. A quinta avenida estava apenas como mais um dos tantos endereços temporários para ele. Sabia que logo a necessidade de fazer as malas em busca de alguma outra aventura o despertaria. E quando isso ocorresse, a ele pouco importaria o local; simplesmente partiria sem se incomodar com o que deixaria para trás.

Num domingo não tão comum, quando Vânia voltava da igreja, seu carro enguiçou a poucos minutos de casa, e ao perceber que nada poderia fazer para solucionar o problema, esperou sentada embaixo de um dos velhos carvalhos da avenida pela chegada do mecânico. Mas antes que este chegasse, Fabrício teve a chance de conhecê-la.

- Problemas com o carro, moça? Perguntou a voz receosa do rapaz que passava de bicicleta.
  - Sim. Ele vive me dando esses vexames.
- Sei como é. Também já tive carro e fui obrigado a aprender mecânica só pra não morrer pelas estradas.

Os dois deram um sorriso raso e ele continuou:

- Se quiser posso ver qual o problema.
- Fico muito grata pela preocupação, mas o mecânico já tá vindo. Não se incomode.
- Que bom. Posso ao menos lhe fazer companhia enquanto ele não chega? Tenho minhas dúvidas com relação à segurança dessa avenida.
- Bem, eu também tenho. Mas como saber se você é um dos homens gentis com quem raramente esbarro por aí ou um dos homens maus que nos faz duvidar da segurança da avenida?
- Bom... Aí você não vai saber por agora, mas caso eu seja o segundo caso, é só você passar meu endereço para a polícia. Volto já. Concluiu o rapaz apontando em direção à residência mais próxima.

Fabrício então subiu na calçada e adentrou ao portão da casa de número 564. E somente quando ele deixou a bicicleta debaixo de um dos arbustos do imenso jardim que cercava a casa e tirou as chaves do bolso foi que ela percebeu que havia parado em frente à residência do rapaz. Segundos depois ele estava de volta com uma jarra de água em mãos para alívio da sede de ambos. Só então apresentaram-se e retomaram a conversa.

Aos poucos os sorrisos ganharam certa profundidade, e Vânia se sentia cada vez mais abençoada pela gentileza do rapaz que logo ficou à vontade para sentar-se ao seu lado na calçada.

O que restara da água já havia esquentado dentro da jarra quando o socorro de Vânia chegou, e durante esse tempo ambos descobriram mais acerca deles mesmos do que o mecânico acerca do problema do carro. Ao que parecia, o veículo estava ficando muito tempo sem rodar, e isso estava afetando algumas funções. Vânia assumiu que raramente o tirava da garagem, assim como poucas vezes ela própria se retirava do entorno da avenida onde morava. Mas se dispôs a tentar resolver as duas questões.

Fabrício, mais que ninguém, foi testemunha do quanto Vânia levou a sério o conselho do mecânico. Da janela do quarto ele a observava passar todos os dias para o trabalho de carro, e vez ou outra fingia despachar alguma sacola de lixo na calçada unicamente com o objetivo de receber uma buzinada ou um sorriso pouco esclarecido por causa da poeira que se acumulava no vidro da janela. Às vezes ele recebia os dois. E às vezes nenhum; ela simplesmente parava, desejavalhe bom dia e perguntava se estava tudo bem.

Por um bom tempo a resposta dele foi sempre a mesma. Dizia estar bem e agradecia com um sorriso. Mas logo que entrava julgava-se medroso demais por não ir além com a conversa e imaginava até quando suportaria adiar suas vontades.

Até que, em mais uma de suas idas desnecessárias à lixeira, ele decidiu que era hora de se arriscar mais, e consigo levou uma porção de ideias além da típica sacola cheia do que encontrasse pela casa e lhe pudesse servir de lixo. O carro dela foi se aproximando lentamente da calçada enquanto ele se demorava na tarefa de abrir o portão para que o tempo de ambos coincidisse num encontro propício.

O motor diminuiu o ronco no mesmo instante em que os vidros baixaram e ao fazer a pergunta ela dissipou parte da coragem que antes ele nutria. Mais uma vez a mesma resposta e o mesmo sorriso fora tudo que ele conseguiu dirigi-la. Fabrício então largou a sacola na lixeira, e decidiu deixar a abordagem para o próximo dia. Mas, antes de se voltar para o portão ela o surpreendeu com o convite que ela mesma cansara de esperar.

— Fabrício, abriu um barzinho na esquina do hospital... estou pensando em ir conhecer, mas não quero ir sozinha. Tá livre? Ele vibrou internamente, mas, sem dar grandes sinais de interesse na proposta, colocou em prática a idealização de seu real desejo.

— Infelizmente hoje não posso, querida. Minha irmã anda meio adoentada e terei de ficar em casa. Não é nada demais, mas prefiro não correr o risco. Espero que me perdoe.

Ela lembrou-se imediatamente da conversa que tivera com ele em sua calçada semanas atrás. Nela eles conversaram sobre como se sentiam solitários às vezes, e ele aproveitou para dizer que morava naquela casa enorme só com a irmã, que raramente ficava em casa. Vânia entendia sua solidão a cada vez que se esbarravam na calçada quando ele ia levar o lixo. Prova de que nem os trabalhos domésticos a irmã se prestava a realizar, e agora era ela o principal obstáculo para os planos da noite.

— Ahh que pena! Espero que fique boa logo.

Assim que respondeu isso, fingindo interesse pela saúde de alguém que ela mesma nunca tinha visto, ele apresentou sua própria proposta.

— Pensei em um jantar. Que tal? Sou ótimo na cozinha e adoraria companhia hoje. Assim posso ficar a serviço de minha irmã para qualquer eventualidade e também passar um tempo agradável com você. Outro dia conhecemos o bar.

Ela, que usara o bar apenas como pretexto para estar com ele de maneira mais íntima, não se demorou na resposta. Afirmou interesse e partiu para o trabalho com a certeza de que naquela noite as gramáticas japonesas não eram prioridade.

Naquele mesmo dia, quando o sol desceu atrás do último prédio da quinta avenida, a adrenalina já corria solta pelas veias de Fabrício. E algumas horas depois tudo estava ainda mais intensificado. Ela chegou por volta das oito horas. O portão estava aberto como ele avisou que estaria, e logo as sombras que se formavam dos arbustos do jardim já cobriam toda a varanda. Ela notou que todo aquele verde ao redor da casa só era bonito durante o dia, pois à noite dava um aspecto sombrio à casa.

Quando ele atendeu a campainha o cheiro da comida já invadia a sala, assim como sua camiseta justa ao corpo invadiu a libido difícil de Vânia. Ela o ouviu por uns instantes contar histórias engraçadas sobre os anos que vivera em alguns países europeus e só então sentaram-se à mesa. Ela então sugeriu que ele chamasse a irmã para que comecem juntos, mas ele a explicou que pela primeira vez no dia ela pregara os olhos e que isso era muito bom, por isso preferia deixa-la descansar e depois levaria sua comida no quarto.

Logo após o jantar, sentaram-se na sala para mais conversa, mas Vânia parecia não estar mais tão disposta a esperar tanto pelo que já imaginava há tempos. Beijou-o de repente, e ele a retribuiu com calor e desejo. E alí ficaram até quando não podiam mais se conter. Foram então para o quarto, um pequeno cômodo ao lado da cozinha que destoava da beleza do restante da casa. Era na verdade, um ambiente sem muito espaço, com uma suíte mal preparada, que apesar de estar no primeiro piso da casa parecia muito com um sótão um pouco mais elaborado, escolhido por ele provavelmente para deixá-los mais distante de onde sua irmã adoentada descansava. E lá mesmo, em meio a pouco pó e muito desejo, ele propôs algo novo e desafiador para ela.

Duas algemas foram tiradas da primeira gaveta do criado-mudo, e sem precisar dizer uma palavra ela estendeu as mãos em sua direção. Ele a amarrou na cama e deu-lhe dois tapas nas cochas, um de cada lado. Ela gritou o mais baixo que conseguiu tentando ponderar a dor, e quando ele preparava o terceiro ela o interrompeu:

— Ei, calma! Tenho medo de gritar alto e acabar acordado sua irmã.

Ele deu um sorriso rápido, e respondeu olhando-a nos olhos:

— Eu não tenho irmã.

Ela entendeu que algo de muito sério ocorria, mas antes de ter tempo para pensar no que faria ele já segurava um revólver que guardava na primeira gaveta do criado-mudo.

Ela empalideceu ao vê-lo mudar drasticamente de

comportamento, mas percebeu que entrar em pânico não ajudaria muito. Começou então um diálogo pouco recíproco dirigido a ele para que não a fizesse maior mal.

- Fabrício, te imploro, pelo amor de Deus, não faça nenhuma besteira. Tenho dinheiro na minha bolsa e também meu celular... se é isso que procura. Deve lhe valer alguma coisa. Ele é novo...
- Não me chame de Fabrício, esse não é o meu nome, sua tonta... E sim, usarei bem o que encontrar em sua bolsa, mas vou querer muito mais. Disse ele interrompendo sua súplica. Do guarda-roupa ele tirou duas malas vermelhas e começou a explicar o que desejava. Pediu-a que lhe fornecesse as senhas de todos os cartões de crédito que havia em sua bolsa e a exigiu que explicasse para que servia cada uma das chaves que também levara consigo. Ela não o contrariou. E assim que anotara tudo em um pequeno pedaço de papel, reservou os cartões e esperou a chegada do comparsa.

Minutos depois de uma rápida ligação, um homem de estatura mediana e pele clara adentrou ao quarto com uma pequena maleta em mãos. Ele então recebeu os cartões com as senhas anotadas e avisou que ligaria caso algum problema ocorresse. Também levou consigo as chaves da casa de Vânia e a ouviu atentamente enquanto ela explicava quando usaria cada uma para que pegasse o que quisesse na residência.

Ela, ainda controlando seu pânico com uma eficiência exemplar, pediu a Fabrício que a deixasse ir depois que pegassem tudo que desejavam, mas a reposta dele não sustentou qualquer expectativa positiva.

— Apenas faça o que lhe pedir, e torça para ele voltar com muito dinheiro. Porque se essas senhas não estiverem corretas você vai pagar caro.

Ele a manteve quieta pelos próximos minutos, e enquanto o comparsa parava em cada *cash* que encontrava e aumentava a quantidade de cédulas em sua maleta, ela só pensava em como não sucumbir ao medo que tentava de todos os modos, dominá-la.

Permaneceram calados durante todo o tempo que

estiveram sozinhos. Ele segurava o celular à espera de respostas do comparsa, e ela apenas rezava silenciosamente sem dirigi-lhe o olhar em nenhum momento. Até que o silêncio foi quebrado, e Fabrício finalmente obteve as respostas que desejava.

O plano havia sido bem desenvolvido. Todo o estudo realizado por ele sobre Vânia lhe rendera uma ótima quantia de dinheiro, além de todo o material de grande valor que seu comparsa recolheu da casa enquanto ela era obrigada a revela-los onde estava cada objeto de desejo dos dois.

Ao final da ligação, quando o comparsa o avisou que estava voltando para busca-lo, ele realizou o único ato que arrancou de Vânia seu controle sobre o pânico que durante todo o tempo tentou conter. Com um pequeno canivete, Fabrício violou a tubulação que passava pela parede do quarto e logo um jato de gás começou a invadir o cômodo.

O cheiro já era forte quando ela começou a chorar desesperada, implorando para que não a deixasse ali para morrer, mas ele apenas brincava com o celular enquanto olhava pela pequena janela de vidro pela última vez.

Ela continuava chorando quando o telefone de Fabrício tocou mais uma vez. Do outro lado, o parceiro disse estar a poucos metros da casa e que ele já podia se dirigir à saída para fugirem. O gás estava tão denso que Vânia já sentia dificuldade para respirar. Mas assim que ele começou a arrastar as malas em direção à porta, ela olhou para o lado e percebeu que ele vai esquecido a arma sobre o criado-mudo quando segurava o telefone para que ela falasse com o comparsa sobre onde deveria olhar dentro da casa para encontrar objetos de valor. Nos próximos segundos, antes que ele alcançasse a maçaneta, Vânia entendeu que não havia mais escapatória para ela, e num grande esforço para alcançar a arma, ela decidiu que ele também não sairia vivo dalí. Ao tocar a arma e perceber que a algema e a posição de seu corpo a impediam de mirar nas costas de Fabrício, ela apenas fechou os olhos

e apertou o gatilho sem direção definida, pois sabia que, independente da direção, aquele tiro seria suficiente para dar fim aos dois.

O quarto foi pelos ares sem deixar um único cômodo da casa intacto, e logo a rua se encheu de sirenes e curiosos que tentavam entender a situação. Acabava naquela madrugada a vida de golpes do misterioso Fabrício, e através do eco que ressoava entre as árvores, eternizouse Vânia, que mesmo depois de morta, manteve viva a lembrança de uma noite de terror vivida na quinta avenida, onde todas as casas passaram a ser vendidas e compradas constantemente. Com exceção da casa 564, onde o jardim invadiu a varanda e ninguém ousava entrar.





Quando cheguei aos campos de Juaré percebi que muita coisa havia mudado. O ar era o mesmo, mas as estradas estavam mais fechadas, e o povoado tinha reduzido sua população radicalmente. Os mais jovens não suportaram a calmaria das plantações colhidas manualmente, e só alguns dos mais antigos mantiveram seus laços de reciprocidade com a terra e o local onde viveram a vida toda. Chequei num domingo pela manhã, e isso só ajudou a retomar a lembrança maravilhosa da minha infância. Era sempre aos domingos que minhas tias vinham e passavam o dia conosco antes de nos mudarmos para a cidade também. Lembrei do almoco que mamãe fazia, dos meus primos me perseguindo pelo terreno do sítio para ver quem corria mais rápido, dos coqueirais fartos, dos banhos lamacentos na lagoa onde os animais iam matar a sede, do guão maravilhosos eram esses dias. E ali estava eu, de volta à casa onde passei meus melhores anos, porém agora sozinha.

Ali tudo se resumia a lembranças. Papai acabava de falecer; mamãe fora bem antes dele, quando eu ainda morava com o Ângelo na Argentina; e meus primos já não gostavam tanto de correr depois de quase vinte anos. Islaine era a única que ainda poderia vivenciar algum pedaço do passado comigo, mas depois da morte de Ângelo, ela não me traria apenas boas recordações. Rezava apenas para que ela estivesse bem onde estivesse.

Comecei então a limpar a casa e vê-la como meu lar mais uma vez, e a cada nuvem de poeira que se formava quando batia os tapetes na janela uma nova onda de pensamentos e emoções me inundava. Foi inevitável imaginar a presença de Ângelo naquele instante comigo; vê-lo deitado sobre os lençóis que acabara de trocar e prever seus cuidados diários com o jardim e seu encantamento pelo cheiro dos frutos da velha mangueira que ainda enchia a casa em meados de dezembro. E ao fantasiar tanto, mais uma vez a culpa me visitou.

A beleza do banheiro finalmente se reestabeleceu depois de alguns minutos esfregando o limo esverdeado que se formou sobre os azulejos. O espelho arredondado, no mesmo formato da banheira de cerâmica, escondia meu reflexo pelo acúmulo de poeira, mas bastou um breve polimento para o vidro revelar a imagem da mulher frágil e cansada que tentava não sucumbir à solidão, à culpa e à saudade.

O espelho não me mostrava as ruinas de meu interior, isso eu simplesmente sentia. Diante dele só os mesmos cabelos ruivos e os mesmos olhos cálidos de quando menina. A imagem era parecida com a de décadas atrás, mas em minha mente uma varanda de novos conceitos debatia sobre o que ainda era importante para mim e o que deveria deixar para além do alcance de minhas emoções. Se bem que ultimamente tinha selecionado muito mal o que vinha a sentir. Talvez por isso me percebi, de repente, no outono da minha vida e ainda assim não conseguia me sentir totalmente mulher.

Na véspera do verão passado, quando voltei da Argentina, encontrei-me tão devastada por um sentimento de culpa que simplesmente parei de acreditar em mim mesma numa tentativa urgente de sobreviver ao que minha consciência me dizia. O que vivi naqueles dias não fora nada agradável para alguém que tinha acabado de perder o marido num triste acidente aéreo.

Antes de tudo isso eu vivi muito feliz ao lado do homem que ganhara meu coração quando ainda era uma tímida e acovardada moça sonhadora. Conheci Ângelo em uma de suas viagens ao Brasil e desde aquele dia não vi outro motivo para viver senão o de estar ao lado dele. Tínhamos nos mudado para a cidade e a casa do sítio ficara à venda, o que graças a deus nunca ocorreu, e assim que nos encontramos eu fui dominada por uma sensação tão maravilhosa quanto recíproca. E foi tudo tão intenso que quando ele voltou ao Brasil pela segunda vez, resolvi aceitar o pedido e fiz a melhor loucura da minha vida.

Com apenas 17 anos fugi com ele para a Argentina, onde me casei com o único homem da minha vida, e desde então ganhei o desprezo de quase toda minha família, inclusive dos meus pais. Mas pela primeira vez sentia que tinha tomado uma decisão por mim mesma; coisa que nunca pude graças à proteção agressiva de papai. Mas então, num daqueles dias que nos arrancam o chão debaixo dos pés, Ângelo se foi, e eu não me sentia mais dona de nada onde havíamos estabelecido nossa vida. Resolvi que era hora de retornar ao Brasil, e o fiz com uma dor que quase me tirou também a própria vida. No retorno não me atrevi a visitar meu pai que, ainda vivo, não queria me ver nem pintada de ouro; apenas uma tia foi me ver no pequeno apartamento que aluguei com o que me restara de apoio financeiro do governo, e ali comecei a me introduzir numa depressão profunda e insana guiada pela culpa que sentia pela morte de Ângelo. Se não fosse pela doutora Mariana, todo esse tempo me ajudando, certamente já teria, em alguns desses dias cinzentos, me atirado pela janela.

Doutora Mariana era minha psicóloga. Ela me incentivou a revisitar minhas raízes e reviver minhas lembranças de infância quando contei sobre a morte de papai e a casa de Juaré que me restara de herança. Disse que poderia me fazer bem um fim de semana ou outro no local onde vivera tantas experiências positivas. Mas fui bem além e resolvi que a pequenez da minha área de serviço no apartamento nunca mais seria motivo para reclamações. Foi quando abandonei a agitação da cidade e decidi tomar a solidão mais aconchegante da antiga casa que me viu crescer. E que por sinal, parecia estar fechada há muito tempo.

Poeira e sujeira foram minhas inimigas quase invencíveis durante todo o tempo que passei na lida com o banheiro, mas enfim meu trabalho ali estava encerrado e aos poucos o frescor da casa começava a retornar. Agora faltava apenas a cozinha.

Nas prateleiras do armário não havia nada além de muita poeira, como sempre, e de um pedaço de biscoito quase inteiramente desintegrado pelos fungos. E algo me impediu de removê-lo imediatamente; ao invés disso, fiquei parada olhando para o mofo esbranquiçado que o cobria por inteiro como se precisasse de um auxilio que não tinha para realizar a tarefa,

mas a questão era outra. Os olhos assistiam inertes à interação entre o natural e o artificial, enquanto a mente vagava. A cena do biscoito em decomposição me obrigara a lembrar do dia da tragédia mais densa de minha vida, quando perdi definitivamente minha guerra contra o medo de voar e entreguei Ângelo a seu desfecho fatal. Recordei-me que ele mantinha sua mania de criança, e adorava biscoitos com leite no café.

Demorei até a me acostumar que em nossa casa nunca poderia faltar biscoitos para o café, assim como demorei a me acostumar com o clima de Buenos Aires quando fugimos juntos, mas com o tempo fui me sentindo parte de tudo. Em alguns dias até experimentava não fritar meus ovos para degustar aguela massa amanteigada que ele tanto adorava. Voltei então ao dia do voo, enquanto meus olhos não se desprendiam da visão no armário, e o vi sentado à mesa com mais pressa que o usual terminando o copo de leite enquanto me direcionava seus últimos olhares. Mais tarde, naquele mesmo dia, quando a tv noticiava a maior tragédia do aeroporto internacional de Buenos Aires, eu me derramei aos prantos, numa dor tão profunda que iamais imaginara sentir. Durante a decolagem uma série de problemas técnicos impossibilitou a retirada dos passageiros enquanto o avião era consumido pelas chamas da turbina que incendiou minutos depois do embarque. Ângelo só embarcou porque não eu nunca tive coragem de fazê-lo, tinha pavor de avião, então restou a ele a tarefa de buscar Islaine, uma de minhas primas que nunca me abandonara depois que fugi de casa e que agora enfrentava sérios problemas com o marido em Recife. Decidimos ajuda-la trazendo-a para morar conosco em Buenos Aires, mas ela, como eu, nunca entrara em um aeroporto e caso um de nós não fosse busca-la provavelmente nunca teria tomado coragem para vir. Ângelo, mesmo depois de dias tentando me convencer que voar era tão seguro quanto respirar, tomou as rédeas da situação para me aliviar, mas depois daquele dia, minha vida se resumiu a sofrimento, culpa e saudade.

O biscoito continuou ali por mais uns instantes enquanto

essa enxurrada de pensamentos me carregava para o fundo da minha dor, até que pude redirecionar o olhar e continuar a limpeza.

Quase ao por dor sol, tudo estava finalmente terminado. A louça limpa, o chão bem polido, as janelas desempoeiradas, os armários renovados... A casa estava um frescor novamente. Sentei-me na varanda com uma xícara de chá e um pedaço do bolo que assei enquanto trocava as cortinas da sala e assisti ao início da minha nova vida de solidão e ar puro.

Quando a noite chegou, meu cansaço era tão grande que nem senti necessidade de jantar. Passei as travas da porta uma a uma e fui para o quarto, o mesmo que dormia quando era menina. Lá tomei a medida inversa: abri a janela que ficava mais próxima à cama e deitei-me sem qualquer preocupação a não ser a de não conseguir me posicionar num ângulo que me permitisse ver a lua. Mas no fim, o céu estava tão nublado que a escuridão era a mesma de uma noite sem luar, e acabei encontrando uma posição mais confortável dando as costas para a janela. Eis que era chegada a hora de tentar controlar meus pensamentos e tentar dormir. O que nunca ocorria facilmente.

Observava a escuridão como quem aprecia uma obra de arte e pensava diversas vezes como Ângelo adorava pintura e música espanhola. A hora de dormir era para mim o momento mais crítico do dia, e mais uma vez algumas lembranças custaram outras lágrimas de saudade.

Um pouco antes do sono, quando a lua já havia se escondido atrás da cerra e a escuridão era ainda maior, senti que uma outra presença existia no quarto. A janela continuava aberta, mas o vento havia cessado, como se alguém o segurasse a frente das árvores e diante das cortinas. Em seguida os lençóis da cama se mexeram sem eu fazer qualquer movimento, e logo pude sentir o peso de um corpo deitar-se atrás de mim. Meu medo foi instintivo, mas me recusei a virar, poderia ter ido fundo demais com meus delírios. Percebi cada vez mais nitidamente que alguém procurava uma posição confortável ao lado, mas

custava a acreditar que poderia ser real. E quando enfim tudo pareceu calmo novamente eu ouvi a mesma voz serena e amável de anos atrás.

— Não tenha medo, minha doce menina. Vi lhe trazer apenas um pouco de amor. Disse ele.

Eu automaticamente imaginei-me novamente sonhando com Ângelo, e continuei sem virar, pois, sempre que sonhava com ele e tentava alcançá-lo, acordava.

- Não sinto medo, meu amor, só saudade, Respondi
- Eu sei. Saudade e culpa...

Respirei fundo ao lembrar da viagem que eu deveria ter feito em seu lugar, e ele continuou.

- Você acha mesmo que teria sido melhor ter embarcado em meu lugar? Não seja tola, meu bem. Não se culpe nunca mais pelo que houve. Saiba que em nada há mais sabedoria que na vida. Você ficou porque é mais forte. Se você tivesse embarcado naquele avião eu não suportaria o que a vida sabia que você era capaz de suportar. Abandone essa culpa. Hoje levarei esse sofrimento de você.
- Então não vá. Apenas fique comigo. Amanhã tomaremos o café embaixo da mangueira no quintal e seremos mais felizes aqui. Implorei aflita.
- Eu sempre estarei com você. Em todos os seus dias, em cada flor que desabrochar ao seu lado, em cada explosão de sabor que sentir ao degustar as mangas frescas. Eu nunca vou te deixar, não se preocupe. Apenas reprima as lágrimas e enterre essa culpa.

Houve uma pequena pausa enquanto senti um toque mais real sobre meu rosto e logo em seguida ele se despediu:

— Hoje vi lhe trazer um presente. Ele lhe servirá de apoio nos dias em que se sentir só e estará contigo sempre para lembra-la do quanto te amo. Ainda vai demorar um pouco para recebê-lo, mas já o deixei com você. Amanhã mesmo vai reconhecê-lo. Agora durma, para acordar você precisa, antes, dormir. Adeus, meu amor.

Em seguida o vento voltou a bater novamente

contra as árvores e a dança das cortinas alertou-me sobre as desvantagens de dormir com a janela aberta. Levantei-me como se uma paz imensa houvesse dominado o ambiente e fui fechar as janelas. E assim que deitei novamente tive noção do momento em que o sono retornou. Dormi.

Na manhã seguinte, uma dor inoportuna incomodavame tremendamente e percebi um pequeno inchaço na barriga, nada muito exagerado, mas bem perceptível. Tomei o café sem muito interesse e passei o restante da manhã tentando aliviar o que parecia ser uma cólica fora do período. Perto do meio dia sentia-me mais pesada e dolorida, então resolvi ir à cidade com medo de que piorasse.

Fui aos poucos me sentindo melhor durante o percurso, e cheguei ao hospital já sem tanto incômodo, mas já que estava ali, achei que merecia me certificar de que não era nada demais. Ao ser atendida, percebi que o médico não entendera muito bem a combinação dos sintomas e solicitou um rápido exame. Fiquei então em uma sala da recepção enquanto ele avaliava os resultados. Ao final de um rápido período de tempo acompanhando a conversa desinteressante de alguns pacientes, ele chamoume novamente e me deu os parabéns. Eu estava grávida.

Fiquei pálida. Ele então se assustou com minha surpresa e perguntou-me porque estava tão assustada. Respondi que não era possível estar grávida. Ele me disse para ficar calma e pediu para que chamasse meu marido. Eu expliquei-lhe que ele não estava mais comigo e ele pediu para falar a quanto tempo nós não nos falávamos. Nesse instante eu recordei a conversa da noite anterior e tive certeza que houve algo a mais que um simples sonho e tudo pareceu tão inacreditavelmente real para mim que eu apenas respondi:

— Desde a noite passada, doutor... não nos vemos desde ontem. Respondi sorrindo.

Aquele foi meu último dia de solidão.

Há amores solitários, encantados, vingativos, volúveis, traiçoeiros, leais... Tudo varia muito de acordo com sua definição do amor, e não é sobre concordar ou descordar deles; é sobre vivê-los ou apenas apreciá-los à distância. Algumas histórias de amor acabam bem; outras nem tanto. E há aquelas que nunca acabam ou não parecem tratar de amor. Nesta coleção você encontrará todas elas, e talvez, ao final da leitura, será capaz de saber qual é qual.

